



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Câmpus de São José do Rio Preto

ANA PAULA DE OLIVEIRA DIAS-FÉLIX

CONSTRUÇÕES ALÉM DE SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL

São José do Rio Preto

2018

ANA PAULA DE OLIVEIRA DIAS-FÉLIX

CONSTRUÇÕES *ALÉM DE* SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Estudos Linguísticos (área de concentração: Análise Linguística), junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti

São José do Rio Preto

2018

Dias-Félix, Ana Paula de Oliveira.

Construções além de sob a perspectiva discursivo-funcional / Ana Paula de Oliveira Dias-Félix. – São José do Rio Preto, 2018
124 f. : il.

Orientador: Erotilde Goreti Pezatti

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto

1. Análise linguística. 2. Gramática discursivo funcional. 3.
Retórica. 4. Semântica. I. Título.

CDU – 469.0-5

ANA PAULA DE OLIVEIRA DIAS-FÉLIX

CONSTRUÇÕES *ALÉM DE* SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Estudos Linguísticos (área de concentração: Análise Linguística), junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Erolde Goreti Pezatti – Orientadora
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto.

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi-Sé
Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) – câmpus de São Carlos.

Prof. Dr. Marcelo Módolo
Universidade de São Paulo (USP) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Profa. Dra. Marize Matos Dall’aglio Hattner
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto.

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini-Bastos
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 31 DE AGOSTO DE 2018.

Dedico este trabalho à memória de minha avó materna, Ercília Dias da Silva, que me ensinou para além das primeiras letras. Ensinou-me, sobretudo, o significado da palavra saudade e concretizou o insubstituível em minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Erotilde Goreti Pezatti, por esses 12 anos de trabalho conjunto, desde o primeiro ano de graduação, quando foi também minha professora. Agradeço pelo exemplo de ética e comprometimento, por ter feito muito mais do que cabe a uma orientadora, acolhendo-me em momentos extremamente difíceis – acadêmicos e pessoais –, apoiando-me em minhas decisões, aconselhando-me e, especialmente, sempre tentando indicar o melhor caminho, mostrando-me, acima de tudo, que as melhores decisões são aquelas com as quais nos sentimos verdadeiramente satisfeitos e felizes. Sou muito grata, ainda, por ter me acolhido em seu seio familiar, inúmeras vezes, permitindo-me reconhecê-la como exímia mãe e avó, fazendo-me, inclusive, lembrar-me, ao observar suas interações com o Heitor, do imenso amor e cuidado que recebi de minha avó na infância. Pelas intermináveis correções que fez em meus textos, por exigir sempre o melhor que eu poderia oferecer e, por fim, pela confiança, mesmo diante de condições bastante adversas, sou imensamente grata.

À minha mãe, Fátima Silva Campos, pelo apoio incondicional, pelas inúmeras vezes que se desdobrou seja para me levar ou buscar na rodoviária, seja por me emprestar o carro para viajar para Rio Preto ou para congressos, seja por cuidar da minha casa e dos meus animais em meus períodos de ausência, enfim, por todos os esforços que moveu para que meus objetivos, especialmente os profissionais, se concretizassem.

À Prof.^a Dr.^a Joceli Catarina Stassi-Sé, pela extrema atenção para com meu trabalho desde o Selin, quando o debateu; pelas instruções tão atentas e pertinentes, pelo zelo, pela dedicação, por ter me apontado, de forma tão didática e minuciosa, os pormenores do percurso para que este trabalho tomasse sua forma final.

À Profa. Dra. Marize Matos Dall’aglio Hattner, pelos tão válidos apontamentos e questionamentos realizados tanto no exame geral de qualificação quanto na banca de defesa;

sou imensamente grata por, nestes momentos, provocar-me não só enquanto escrevente desta tese, mas principalmente enquanto pesquisadora, o que é fundamental ao fazer acadêmico.

Ao Prof. Dr. Lachlan Mackenzie, pela imensa simpatia e prestatividade ao responder minhas dúvidas enviadas por e-mail e por se prontificar a conversar sobre elas via Skype.

Aos docentes do PPGEI, especialmente ao Prof. Dr. Lourenço Chacon, pelo exemplo de docência, pautado na ética, seriedade e dedicação; por se prontificar a sanar minhas mais diversas dúvidas – sobre Linguística ou até mesmo sobre rotas rodoviárias – e também pela amizade.

À Silvia Emiko Kazama, pela imensa atenção, paciência e prestatividade com que realiza seus serviços na seção técnica de pós-graduação e também ao Mauro Miasaki, pela simpatia com que sempre me atendeu por lá.

À Flávia Orci, por ter me acompanhado, mesmo que a distância, em todo esse processo do doutorado, durante minhas dores, alegrias, inseguranças, apoiando-me, ouvindo meus lamentos, refletindo dados ou quaisquer outros fenômenos linguísticos comigo, tudo isso sempre repleto de muita diversão.

À Roberta Freitas Dias, por todas as vezes que me ouviu e me incentivou a trilhar essa caminhada, bem como pelas inúmeras e riquíssimas discussões sobre linguagem, a maioria delas via WhatsApp.

À Fernanda Sbrissa que, mesmo tendo seguido pelos veios literários e estando longe do meio acadêmico há algum tempo, sempre demonstrou enorme empatia para com as dores e alegrias que enfrentei durante a realização do doutorado. Jamais poderei mensurar a imensa gratidão pelo fato de que minha vida na universidade começou e também se encerra com sua participação, desde a borracha que me emprestou na primeira aula de inglês até a revisão do texto desta tese – mesmo sem saber muito bem a diferença entre Gramática Funcional e Gramática Discursivo-Funcional.

À Taísa Robuste, a quem tive o imenso prazer de conhecer durante o doutorado e de quem recebi todo o apoio emocional em momentos bastante delicados, especialmente às vésperas da qualificação e da entrega do texto final para a defesa.

Às amigas Aline Kapp, Geovana Soncin e Priscilla Zago, incríveis analistas da linguagem, pela constante demonstração de imenso carinho e atenção, perguntando-me sobre o andamento da tese, ouvindo-me, apoiando-me e tranquilizando-me em momentos delicados.

A Willian Martins que, mesmo distante dos caminhos da academia, ao menos por ora, sempre demonstrou empatia diante das várias dificuldades comuns à esfera acadêmica por mim relatadas. Agradeço, ainda, por ter gentilmente me substituído tantas vezes quando precisei me ausentar em razão de congressos ou de outras burocracias relativas ao doutorado e também pelo apoio, pela valorização da atividade científica e pelas acolhedoras conversas via WhatsApp ou regadas a boas doses de café.

A Luccas Brazão Bento, amigo querido, que me ofereceu, além de acolhimento diante das dificuldades, seu excelente apoio profissional, sem o qual esta tese jamais poderia ter sido finalizada.

A Guilherme Pascutti que, mesmo não sendo atuante na esfera acadêmica, sempre demonstrou muita gentileza e empatia, oferecendo-me sua agradável e divertida companhia quando precisei estar em Rio Preto. Sou grata, ainda, por ter disponibilizado sua casa para que eu pudesse me hospedar a fim de cumprir demandas do doutorado.

A César Campos, meu padrasto, pelo apoio desde que precisei ir a Lisboa, ainda no mestrado, por todas as vezes que me levou a Rio Preto ou a eventos científicos e pelo incentivo a continuar essa caminhada.

A meu pai, Paulo Ricardo de Oliveira, que sempre considerou importante que eu cursasse o doutorado, apoiando-me e mostrando-me que nada disso seria em vão, fosse por razões pessoais ou profissionais.

A meus avós paternos, tios e tias que, mesmo sem entender exatamente o que eu fazia por tantos anos na universidade, jamais me negaram apoio.

Ao Colégio Salesiano, à Unitoledo e aos cursos Legis Polisaber e SuperProfessores, especialmente representados nas figuras de seus respectivos coordenadores, por terem sempre me apoiado na realização deste trabalho e também gentilmente compreendido minhas eventuais necessidades de ausência em sala de aula ou em reuniões a fim de comparecer a eventos científicos ou de solucionar outras demandas do doutorado.

Aos membros da banca de defesa, pela gentileza em aceitarem o convite e pelo tempo que disponibilizaram para ler este trabalho, contribuindo, assim, para sua finalização.

À Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, pelo privilégio de poder iniciar e solidificar minha formação acadêmico-profissional em uma universidade reconhecida não só pela qualidade de seus feitos acadêmicos, mas também pelo sentimento fraternal que une toda a família unespiana.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que veio espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes.”

Ferdinand de Saussure

RESUMO

Este estudo trata das construções *além de* no português, codificadas na forma oracional e sintagmática, a fim de estabelecer um panorama do uso desse tipo de estrutura na língua portuguesa. Para tanto, baseia-se no aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), um modelo de organização descendente que toma como guia as intenções do falante na estruturação dos enunciados durante as situações de interação. Como universo de investigação, foram selecionadas ocorrências de três fontes distintas: o *cópus* Português Oral, que traz amostragens do português falado em Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste; o projeto “*Cópus do Português*”, formado a partir de páginas da internet do Brasil, Portugal, Angola e Moçambique e, por último, a rede social Twitter. Os resultados mostram que as construções *além de* desempenham duas funções, uma de natureza interpessoal, aqui denominada Função Retórica Suporte, e outra, de natureza representacional, denominada Função Semântica Doxástico. A Função Retórica Suporte corresponde a um Ato Discursivo Subsidiário, que se relaciona ao Ato Discursivo Nuclear, e é morfossintaticamente codificada ocupando posição anterior ao núcleo. A Função Semântica Doxástico, por sua vez, constitui um modificador de um Conteúdo Proposicional e compõe com seu núcleo um único Ato Discursivo, posicionando-se depois do seu núcleo. Verifica-se também que os constituintes da construção *além de* podem estabelecer entre si uma relação morfossintática de Subordinação ou Cossubordinação, nos casos oracionais, e de Extraoracionalidade, nos casos sintagmáticos, o que varia a depender da Função Retórica ou Semântica desempenhada por eles. Além disso, a análise mostra que construções *além de* podem ser encabeçadas pela preposição *para*, introduzida no nível Representacional, que apenas reforça o valor alativo de *além* e em nada altera as demais propriedades das construções. Essas propriedades interpessoais e semânticas desencadeiam codificação fonológica distinta para essas duas construções: estruturas com

Função Retórica Suporte são constituídas de duas Frases Entonacionais, uma para o ato nuclear e outra para o subsidiário, enquanto construções com Função Semântica Doxástico constituem ambos, núcleo e modificador, uma única Frase Entonacional.

Palavras-chave: Função Retórica Suporte. Função Semântica Doxástico. Além de. Ordenação de constituintes. Gramática Discursivo-Funcional.

ABSTRACT

This study takes care of the constructions *além de* in Portuguese, codified in clausal and phrasal forms, in order to establish an overview of the use of this type of structure in Portuguese language. For this purpose, it rules as a base the theoretical apparatus of Functional Discourse Grammar, by Hengeveld and Mackenzie (2008), a model of top-down organization which takes as guide speakers' intentions on statements structuring during interactive situations. As universe of research, occurrences from three different sources were selected: the corpus Português Oral, which brings samples of spoken Portuguese from Portugal, Brazil, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, São Tomé and Príncipe and East Timor; the project "Córpus do Português", formed by Brazilian, Portuguese, Angolan and Mozambican web pages; and, at last, the social network Twitter. Results have shown that constructions *além de* perform two functions, one of interpersonal nature, hereinafter called Support Rhetorical Function, and other, of representational nature, called Doxastic Semantic Function. The Support Rhetorical Function corresponds to a Subsidiary Discourse Act, which is related to the Nuclear Discourse Act, and it is morphosyntactically codified occupying the position before the head. The Doxastic Semantic Function, in turn, constitutes a modifier of a Propositional Content and composes, with its head, a single Discourse Act, positioning itself after its head. It is also verified that the components of the construction *além de* can establish among themselves a morphosyntatic relationship of Subordination and Cosubordination, in clausal cases, and of Extra-clausality, in syntagmatic cases, which varies depending on the rhetorical or semantic function filled by them. Besides, analysis shows that constructions *além de* can be headed by the preposition *para*, inducted in the Representational Level, which only reinforces the allative value of *além* and in any way alters other properties of the constructions. These interpersonal and semantic properties trigger a distinct phonologic codification for these two constructions: structures with Support Rhetoric Function are

constituted by two Intonational Phrases, one for the nuclear act and another for the subsidiary one, while constructions with Doxastic Semantic Function constitute both, head and modifier, a single Intonational Phrase.

Keywords: Support Rhetorical Function. Doxastic Semantic Function. Além de. Constituent ordering. Functional Discourse Grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Parataxe e encaixamento	27
Figura 2 – GDF como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal	38
Figura 3 – Esquema Geral da Gramática Discursivo-Funcional	39
Figura 4 – Estruturação do Nível Interpessoal	42
Figura 5 – Estruturação do Nível Representacional	48
Figura 6 – Estruturação do Nível Morfossintático	56
Figura 7 – Codificação das unidades interpessoais e representacionais.....	65
Figura 8 – Estruturação do Nível Fonológico	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias Semânticas	52
Quadro 2 – Correspondências entre classes de Palavras Lexicais e Gramaticais	62
Quadro 3 – Esquema de posições (inicial, medial e final)	65
Quadro 4 – Esquema de posições (pré, centro e pós).....	66
Quadro 5 – Posição dos operadores (π) oracionais interpessoais e semânticos	66
Quadro 6 – Posição dos modificadores (σ) oracionais interpessoais e semânticos.....	68
Quadro 7 – Ordenação linear da construção <i>além de</i> interpessoal na Expressão Linguística..	92
Quadro 8 – Ordenação de (<i>para</i>) <i>além de</i> com função Suporte	101
Quadro 9 – Posição do modificador <i>além de</i> na oração	112
Quadro 10 – Posição do modificador <i>além de</i> no sintagma	114
Quadro 11 – Ordenação de (<i>para</i>) <i>além de</i> em construção tética	115
Quadro 12 – Ordenação de (<i>para</i>) <i>além de</i> em construção existencial	116
Quadro 13 – Representação fonológico do modificador (<i>para</i>) <i>além de</i>	116
Quadro 14 – Atuação das construções (<i>para</i>) <i>além de</i> no português, segundo a Gramática Discursivo-Funcional	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. Considerações iniciais	17
2. As construções <i>além de</i> na tradição gramatical.....	18
3. As construções <i>além de</i> na literatura linguística	21
4. Hipóteses e objetivos para os usos de <i>além de</i> no português	31
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
1.1 A Gramática Discursivo-Funcional	34
1.1.1 Um modelo de interação verbal.....	38
1.1.1.1 A organização em níveis e camadas	40
1.1.1.1.1 Nível Interpessoal	41
1.1.1.1.2 Nível Representacional.....	48
1.1.1.1.3 Nível Morfossintático	53
1.1.1.1.3.1 As camadas morfossintáticas	56
1.1.1.1.3.2 A ordenação de constituintes	62
1.1.1.1.3.3 A ordenação de constituintes hierárquicos.....	64
1.1.1.1.3 Nível Fonológico	69
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	73
2.1 Hipóteses e objetivos	73
2.2 Caracterização do corpus.....	74
2.2.1 O corpus Português Oral	74
2.2.2 O Corpus do Português.....	76
2.2.3 Twitter	77
2.3 Parâmetros de análise	78
2.3.1 Tipo de Camada por Nível	78
2.3.2 Pressuposição	79
2.3.3 Posição em relação ao núcleo.....	79
3. ANÁLISE DOS DADOS	81
3.1 Construções interacionais	82
3.2 Construções representacionais.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	122

INTRODUÇÃO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A investigação que ora se apresenta tem por objetivo analisar, com base no aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), as relações estabelecidas entre sintagmas e orações expressos pela estrutura *além de*, no português, como exemplificam as ocorrências em (1), (2) e (3):

(1) *além de ele ser o professor*, ele foi o amigo da gente. (Bra93:FestaEstudante)

(2) precisava de mais... umas horinhas *além das vinte e quatro horas*. (PT95:SaberVender)

(3) A transcrição ortográfica, *para além de facilitar a compreensão do oral*, constitui uma base consistente para o estudo dos aspectos morfofonológicos, lexicais, sintáticos e discursivos do português falado contemporâneo. (Trecho introdutório do corpus “Português oral”)

Pesquisadores e gramáticos que se debruçam sobre esse tipo de construção a têm denominado de *aditiva*, por entender que a circunstância que mais se aproxima dela é a de acréscimo. Uma busca a estudos que envolvem esse tipo de construção ou de relações aditivas, ainda que raros, revela duas perspectivas principais: a primeira, de base filosófica, analisa as sentenças envolvidas na construção em função de seu valor de verdade; a segunda, de natureza retórica, considera que as sentenças têm fundamentalmente a função de contribuir argumentativamente à elaboração do discurso.

Trata-se, nesta seção, do panorama geral das investigações referentes ao objeto de estudo da tese. Dessa maneira, a estrutura *além de* será, primeiramente, situada no âmbito da

Gramática Normativa. Em seguida, passa-se ao panorama sob a ótica da Linguística e, por fim, serão expostos os objetivos e as hipóteses que norteiam este trabalho, bem como as razões que justificam sua pertinência no âmbito dos estudos linguísticos, especialmente para a teoria discursivo-funcionalista.

2. AS CONSTRUÇÕES *ALÉM DE* NA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Com o objetivo de situar as construções introduzidas por *além de* no âmbito da Gramática Tradicional, parte-se do conceito de advérbio, passando pelo conceito de locução adverbial e, por fim, encerra-se tratando das orações. Esse trajeto se justifica tendo em vista o fato de que a palavra *além* é tradicionalmente tratada como um advérbio e, na condição de locução prepositiva, toma como complemento termos nominais e verbais, dando origem, assim, a locuções e orações adverbiais.

Segundo o dicionário Houaiss (2009), são considerados quatro significados para o advérbio *além*, quais sejam: (i) da parte de lá, para o lado de lá, acolá; (ii) mais à frente, mais adiante; (iii) em lugar longe ou bem longe; e (iv) para fora ou afora. Observa-se ainda que essa palavra pode também equivaler, semanticamente, à expressão *para além de*.

De modo geral, as definições de advérbio nas gramáticas tradicionais podem ser resumidas na definição dada por Cunha e Cintra (2001, p. 541): o advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo. Entretanto, alguns autores, como Bechara (1999), afirmam que o advérbio pode modificar não somente o verbo mas todas as classes gramaticais (exceto artigo e interjeição) e até mesmo a oração. Nessa perspectiva, em função da circunstância que desempenham ou da “ideia acessória” que expressam, advérbios são tradicionalmente classificados como termos que indicam: afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação e tempo. Segundo Cunha e Cintra (1985), a Nomenclatura Gramatical

Brasileira acrescenta, ainda, três tipos a essa lista, a saber: advérbios de ordem, exclusão e designação. Entretanto, os autores ressaltam que advérbios de exclusão e designação são classificados como um grupo à parte, por não apresentarem características típicas dos advérbios. Embora seja feita uma classificação, os autores apenas citam alguns exemplos de cada tipo de advérbio e, dessa forma, não se arriscam a aprofundar o tratamento a nenhum tipo distinguido. Em nota, Cunha e Cintra (1985, p. 530) afirmam que, sob a denominação de advérbios, reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas, o que motiva linguistas modernos a reexaminar o conceito de advérbio, limitando-os tanto do ponto de vista funcional quanto do ponto de vista semântico.

Ao falar sobre aspectos mórficos e sintáticos dos advérbios, Macambira (1970) apresenta uma definição extremamente genérica para a classe, uma vez que se limita a dizer que são classificadas como tais todas as palavras terminadas pelo sufixo *-mente* (resultantes de oposições formais com o adjetivo correspondente) e também palavras de cunho invariável que se articulem com os advérbios *tão*, *quão* e *bem*.

Quanto ao que se entende por locução adverbial, as definições encontradas na Gramática Tradicional basicamente correspondem ao dado por Lima (1986, p. 544): duas ou mais palavras que juntas funcionem como um advérbio. Como já mencionado, de modo geral, o conjunto de palavras que forma essas locuções corresponde a uma preposição, que pode se associar a um substantivo, a um adjetivo ou a um advérbio.

Kury (1987, p. 56), no entanto, ao tratar dos termos acessórios no período simples, considera a existência de adjuntos/complementos adverbiais de acréscimo, em exemplos como (4):

(4) Além da medalha, ganhou vários prêmios.

Também Bechara (1999, p. 449) trata do que denomina adjunto adverbial de adição ou inclusão, dizendo que os adjuntos adverbiais que expressam adição podem vir introduzidos pela preposição *sobre*, em construções como (5), por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.) e, mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*, em ocorrências como mostram (6), (7), (8) e (9):

(5) *Sobre desemprego*, havia doença.

(6) *Além das notas ruins*, faltava muito às aulas.

(7) *Ademais dos parentes*, vinham os convidados.

(8) Todos ficaram, *mesmo Ana*.

(9) Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive*.

O termo “adição” é também empregado no âmbito das relações entre orações. Kury (1987) aponta que a coordenação aditiva ocorre quando vários pensamentos coordenados estão simplesmente em sequência ou encadeados de modo a serem introduzidos por conjunções. Ainda segundo o autor, essas relações podem ser sindéticas – quando apenas a oração aditiva é iniciada pela conjunção –, como se observa em (10), em que a última oração é introduzida por *e*, ou correlatas – quando há presença da conjunção em ambas as orações, como se observa em (11):

(10) Não vê, não ouve, não fala *e* não conhece ninguém. (Garret, VMT, 318)

(11) Quincas Borba *não só* estava louco, *mas* sabia que estava louco. (M. de Assis, BC, 379)

Dessa forma, para marcar a relação aditiva são sempre mencionadas as conjunções *e*, *nem*, definidas como as que servem para ligar dois termos ou duas orações de idêntica função, (Cunha e Cintra, 2001, p. 580), como em (12) e (13), e a correlativa *não só... mas* (Kury, 1987).

(12) Leonor voltou-se *e* desfaleceu. (G. Ramos, I, 81.)

(13) Ele não me agradece, *nem* eu lhe dou tempo. (F. Botelho, X, 41.)

Como se vê, as construções aqui enfocadas, do ponto de vista tradicional, envolvem muitos aspectos da gramática do português, desde questões morfossintáticas, como partes do discurso (advérbios, conjunções), estrutura formal (locução adverbial, locução prepositiva), até questões semânticas, como a classificação de tipo de coordenação (aditiva).

3. AS CONSTRUÇÕES *ALÉM DE* NA LITERATURA LINGUÍSTICA

Distanciando-se da abordagem adotada pelo panorama normativo, os estudos linguísticos costumam dispensar maior atenção aos diferentes usos dos juntores potencialmente indicativos de relações de adição, atentando a possíveis processos de gramaticalização, à natureza da relação sintática entre os elementos envolvidos na estrutura aditiva ou ainda à pluralidade funcional de um mesmo conectivo.

Dentre tais abordagens acerca do fenômeno da adição, vale citar o trabalho de Módolo (2005), que entende as construções correlatas conjuncionais – entre elas as correlatas aditivas

– como um processo particular de articulação sintática, que não se enquadra, por sua vez, nas tradicionais definições de coordenação ou subordinação, mas sim no âmbito da correlação. Há também trabalhos que se debruçam sobre questões como os diferentes valores semântico-discursivos do conectivo *e*, a exemplo da investigação efetuada por Camacho (1999) acerca de estruturas coordenadas aditivas, em que o autor defende, com base em uma abordagem funcional-cognitiva, que o conectivo *e*, como conjunção de termos ou de orações, apresenta usos discursivos que são determinados por condições pragmáticas. Em diálogo com essa análise, tem-se o trabalho de Penhavel (2005), que entende o conectivo *e* como multifuncional, tendo em vista que seu estatuto funcional é fruto de um processo de discursivização.

Ao tratar dos conectivos adverbiais na história do inglês, Lenker (2010) aponta para o fato de que muitas gramáticas têm tratado conectivos e conjunções adverbiais em grupos, definidos pelas relações semânticas que os conectivos marcam, oferecendo, portanto, uma tipificação semântica global das relações. Sendo assim, tradicionalmente, diferentes relações semânticas, entre elas a adição, não são subdivididas, mas descritas, em todas as suas formas de manifestação, como se fossem idênticas. A autora observa que apenas os autores da *Gramática Cambridge* (*Cambridge Grammar*) propuseram, recentemente, uma distinção entre conectivos “puros” e “impuros”. Enquanto os “puros” não têm outra função a não ser conectar uma oração ao contexto em que se insere, os “impuros”, além de sua função conectiva, também expressam outros aspectos dos dois termos conectados.

Lenker (2010) defende que a relação de adição pura pode ser apresentada pelo conectivo *and* (*e*), que tem sido, de longe, o mais comum marcador da relação de adição não apenas no nível da frase mas também no nível da sentença e do discurso. Essa força aditiva de *and* (*e*) pode ser reforçada pelo uso de construções como *and moreover* (“e além do mais”) ou

ainda *and furthermore* (“e além disso”). Para esse uso conjugado, a autora adota a terminologia “conectivos de reforço”.

Partindo de descrições na língua inglesa que consideram a existência de uma oração subordinada aditiva (Lenker, 2010), Oliveira (2012b) investiga a questão no português. Para tanto, ampara-se na perspectiva de Halliday (1985) e de Matthiessen e Thompson (1988), defendendo que as orações construídas com *além de* constituem casos de subordinação aditiva. Entretanto, Oliveira (2012b) observa que, diferentemente das investigações de que partiu – realizadas por Hengeveld (1993, 1996 e 1998) e Pérez Quintero (1998 e 2002) –, não considera as orações subordinadas aditivas como subtipos de orações adverbiais já que, segundo ela, não promovem modificação. Dessa forma, a autora (Oliveira, 2012b), ao apoiar-se na vertente funcionalista de Halliday (1985) e de Matthiessen e Thompson (1988), entende que as orações introduzidas por *além de* são casos de hipotaxe adverbial, mais especificamente, hipotaxe de extensão, nos termos de Halliday (1985), ou seja, essa oração amplia o significado da outra, principal. Isso define, portanto, essas orações como dependentes em relação a uma oração matriz, de modo que lhe acrescentam uma circunstância, mas não mantêm com ela uma relação de constituência, uma vez que não são consideradas constituintes da oração principal, como ocorre com os processos de encaixamento.

Em outro estudo, mais próximo da perspectiva que aqui se adota, Oliveira (2012a) trata dessas mesmas construções tomando como aparato o arcabouço teórico que norteia este trabalho. Ao se debruçar sobre o tema, amparada no funcionalismo holandês, a pesquisadora toma como ponto de partida as reflexões de Pérez Quintero (2002) e Hengeveld (1998) para defender a existência de uma oração subordinada adverbial aditiva. Para Hengeveld (1998, p. 352), entre os tipos semânticos de orações adverbiais, há relação de adição, que estabelece uma relação de dependência morfosintática entre um núcleo e seu modificador, característica

do processo de subordinação, exemplificado em construções como *além de preparar o jantar, eu cuido do jardim*¹.

Oliveira (2012a) defende que a expressão *além de* evidencia uma hierarquia entre os eventos descritos pelo ouvinte e, com base nela, apresenta outro, mais relevante, de maior destaque, argumentando que, por essa razão, esse tipo de relação aditiva extrapola uma “adição neutra”, como a que se estabelece pelo conectivo *e*. Dessa forma, considera que há na nomenclatura “aditiva” uma lacuna terminológica, dado que não se trata de uma simples adição. Segundo a autora, diferentemente das demais orações adverbiais, entre as orações envolvidas na construção com *além de* não se instaura qualquer Função Retórica no nível interpessoal. Em outras palavras, Oliveira (2012a, p. 96) assume que *a relação entre as orações não se dá em termos de adequação ou relevância comunicativa, como ocorre com aquelas que desempenham Função Retórica*, ou seja, não desempenham papel algum no que se refere à interação falante-ouvinte. Desse modo, para a autora, esse tipo de construção é específico do nível representacional e promove apenas a conexão de eventos e não de proposições. Para fim de ilustração, recorre à ocorrência (14), em que *enriquecer* corresponde ao evento 1 e *aumentar a beleza*, ao evento 2:

(14) e o tempo o ajudara, *além de enriquecê-lo*, aumentara-lhe a beleza. (19Or:Br:Interv:Pov)

Oliveira (2012a) observa a impossibilidade de se unir proposições em construções como (14), uma vez que a própria natureza da relação codificada por *além de*, por indicar o encadeamento de dois segmentos, não permite que a união de proposições ocorra. Isso só seria possível se as proposições mobilizassem relações semânticas de outra natureza, como de causalidade ou de inferência epistêmica. Dessa forma, propõe que o conjunto composto das orações principal e subordinada adverbial de adição é representacionalmente codificado como

¹ Apart from cooking dinner, I look after the garden.

um Episódio, formado por dois eventos que, juntos, compõem um único Conteúdo Proposicional.

Outro aspecto defendido pela autora (Oliveira, 2012a) é que, morfossintaticamente, a construção *além de* corresponde a uma Expressão Linguística, formada por duas orações, que estabelecem entre si uma relação de subordinação. Para a autora, isso se evidencia no fato de serem estruturas subordinadas, cuja relação de dependência é evidenciada por dois traços: o sujeito da oração matriz é o mesmo da oração subordinada, que não é expreso, e os verbos da oração subordinada são não finitos, e, portanto, apoiados no tempo e modo da outra oração.

Apesar de apontar questões relativas à ordenação dos constituintes no interior da Expressão Linguística, a autora não considera que a posição assumida pelas estruturas com *além de* em relação ao seu núcleo seja reflexo de fatores de ordem interpessoal ou representacional.

Como se vê, as estruturas aqui enfocadas envolvem ainda os conceitos de coordenação e de subordinação. Sabe-se que o fenômeno da subordinação é tradicionalmente definido com base em critérios morfossintáticos, como o de encaixamento de orações ou uso de formas verbais não finitas, como infinitivos, gerúndios e participípios. Dessa forma, são consideradas subordinadas orações que exercem funções sintáticas na sua oração principal e equivalem a um substantivo, a um adjetivo ou a um advérbio. No caso das orações adverbiais, a oração dependente funciona como um constituinte da oração principal, ou seja, como um adjunto adverbial.

A maioria dos linguistas, a exemplo de Lehmann (1988), Halliday (1985), Matthiessen e Thompson (1988) e Givón (1990), rejeitam a relação dicotômica tradicionalmente instaurada entre os processos de coordenação e subordinação.

Segundo Halliday (1985), as relações entre orações podem ser vistas com base no sistema de interdependência, ou seja, a partir do que se entende por parataxe e hipotaxe. Na

primeira há dois elementos com estatuto de igualdade, enquanto na segunda há a relação entre um elemento dependente e seu dominante.

Matthiessen e Thompson (1988), por sua vez, apoiam-se no contexto discursivo para diferenciar orações subordinada e principal, uma vez que, segundo os autores, não é possível fazer essa distinção com base em meios estritamente sentenciais. Apoiados em Halliday (1985), propõem diferenciar encaixamento de hipotaxe; sendo assim, há três processos distintos: (i) a parataxe² (coordenadas), a hipotaxe (subordinadas adverbiais) e o encaixamento (substantivas e adjetivas restritivas). Nessa perspectiva, Matthiessen e Thompson (1988) dispensam especial atenção ao processo de hipotaxe de realce, que consiste em combinações de orações hipotáticas envolvendo relações circunstanciais, tais como condição, razão, propósito, tempo, espaço, etc., em que uma oração realça a outra circunstancialmente.

Esses autores justificam o uso do termo “hipotática” para classificar essas orações, ao invés da tradicional nomenclatura “adverbial” ou “subordinada”, dizendo que ambas as terminologias se mostram problemáticas devido à respectiva – e imediata – associação à classe e à função gramatical por eles denominada. Os autores defendem que:

Se uma *oração subordinada* é tomada como uma oração que é subordinada a outra unidade gramatical, é inadequado fazer a distinção entre encaixamento e combinação de orações. Se uma *oração adverbial* é oração que funciona como advérbio, essa denominação trata essa oração também como sendo encaixada dentro de outra oração, ao invés de tratá-la como uma instância de combinação de orações; nós rejeitamos a interpretação de encaixamento para nossos exemplos. (MATTHIESSEN e THOMPSON, 1988, p. 286).

Além de Matthiessen e Thompson, também Givón (1990) descarta a existência de uma oposição entre coordenação e subordinação. Para defender essa posição, o autor argumenta que tal distinção tradicional não é de todo satisfatória, primeiramente porque

² Matthiessen e Thompson afirmam em nota (1988, p. 318) que a noção de parataxe se mostra mais abrangente que o tradicional conceito de coordenação e, uma vez que têm por foco a hipotaxe, não discutirão o conceito de parataxe de Halliday (1985).

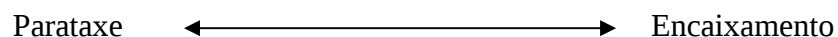
nenhuma oração é completamente autônoma em relação a seus contextos oracionais imediatos; em segundo lugar, porque a distinção absoluta entre orações “dependentes” e “independentes” só se mostra aplicável em contextos com limites tipológicos rigidamente prescritos.

Segundo o autor, a mera distinção binária entre subordinação e coordenação revela uma grosseira simplificação dos fatos (GIVÓN, 1990, p. 826). Amparado pelo princípio da iconicidade, o pesquisador afirma que os fatos subjacentes a esse princípio não sustentam uma clara separação entre orações coordenadas e subordinadas: ao invés disso, revelam a existência de uma escala com diferentes graus de integração entre orações.

Lehmann (1988) também integra o grupo de linguistas que rejeita a existência dessa relação binária e, tal como Givón (1990), considera a existência de diferentes graus de encaixamento, havendo orações mais e menos dependentes de sua principal.

Para definir esse *continuum*, que se inicia na parataxe e termina na hipotaxe, Lehmann (1988) se vale de seis parâmetros: (i) o rebaixamento hierárquico da oração subordinada; (ii) o nível sintático da oração principal com relação à subordinada; (iii) a dessentencialização da oração subordinada; (iv) a gramaticalização do verbo da oração principal; (v) o entrelaçamento das duas orações; e (vi) a explicitude do elemento de ligação entre elas. Podemos observar essa proposta na figura 1:

Figura 1 – Parataxe e encaixamento



Fonte: Adaptado de Lehmann (1988, p. 189).

Partindo de uma perspectiva translinguística, Cristofaro (2003) defende que a definição de subordinação a partir do processo de encaixamento mostra-se bastante limitada, uma vez que as mesmas estruturas morfosintáticas não são universalmente compartilhadas.

Segundo a autora, como nem todas as línguas dispõem de um mesmo fenômeno para expressar uma determinada relação entre dois Estados-de-Coisas, ou seja, o fato de as mesmas relações semânticas e/ou pragmáticas não serem codificadas pelos mesmos tipos de construção impede que a linguística tipológica se baseie em critérios estritamente formais para definir o fenômeno da subordinação. Sendo assim, a noção de subordinação deve ser definida em termos funcionais que compreendam aspectos nocionais, cognitivos e semântico-pragmáticos.

O critério funcional-cognitivo, desenvolvido por Cristofaro (2003) fundamentado em Langacker (1991), propõe que a subordinação não seja vista como resultado do uso de determinadas estruturas morfossintáticas, mas sim como um modo de construir uma relação cognitiva entre dois Estados-de-Coisas, de modo tal que o Estado-de-Coisas dependente, por não ter um perfil autônomo, é construído na perspectiva do Estado-de-Coisas principal.

De acordo com o postulado da assimetria de Langacker (1991), ao construir uma conexão entre dois Estados-de-Coisas, o falante tem duas escolhas básicas: (i) por um lado, os dois Estados-de-Coisas podem ser construídos como perfeitamente simétricos do ponto de vista cognitivo, portanto, ambos têm um perfil autônomo, situação em que acontece a coordenação, em que nenhum perfil oracional sobrepõe-se ao outro; (ii) por outro, os dois Estados-de-Coisas são construídos como cognitivamente assimétricos, quando um dos dois não tem um perfil autônomo e é construído com base na perspectiva do outro.

A definição funcional-cognitiva de Cristofaro (2003) propõe, portanto, que se deve entender por subordinação uma situação a partir da qual se estabelece uma assimetria cognitiva entre dois Estados-de-Coisas, tal que o perfil de um dos dois (principal) sobrepuja o do outro (dependente). Isso equivale a dizer que o Estado-de-Coisas dependente é pragmaticamente não afirmado, enquanto o principal é pragmaticamente afirmado.

A autora (Cristofaro, 2003) atribui importância ao fato de que os testes de assertividade funcionam para qualquer língua, uma vez que não se referem a tipos específicos de orações, mas ao estatuto pragmático/cognitivo de diferentes partes da sentença. Como testam tanto a parte da sentença que está sujeita à contestação como a que não está, são independentes de características estruturais de qualquer sentença, o que garante grande sucesso do uso desses testes na análise translinguística.

Dessa maneira, tal proposta mostra-se diferente das demais na medida em que tenta definir subordinação atentando à forma como se percebem e se conceituam os Estados-de-Coisas envolvidos em determinada construção. Nessa perspectiva, ao se distinguir o que é de ordem conceitual do que é estrutural, a subordinação é encarada como o resultado de situações conceituais, e não como um fenômeno apenas morfossintático.

Assumindo uma posição diferente desses autores, Dik (1997b) defende a existência de uma oposição entre coordenação e encaixamento. Para o autor, construções encaixadas são definidas como termos complexos que contêm estruturas encaixadas como seus restritores. Os termos encaixados podem ocupar a posição de argumento ou satélite.

Nesse âmbito, a posição de argumento pode ser identificada quando a informação contida for essencial para manter a integridade do Estado-de-Coisas. Isso corresponde ao que tradicionalmente conhecemos por oração substantiva. Contudo, se a informação, ao ser retirada, não afetar a integridade do Estado-de-Coisas, esses termos ocupam a posição de satélite e compreendem o que se conhece por oração adverbial.

A partir das considerações de Dik (1997b), Hengeveld (1998), ao traçar um panorama das orações adverbiais nas línguas da Europa, assume que uma oração é considerada subordinada quando ela depende de outra oração para que possa ocorrer, e uma oração é considerada adverbial se ela pode ser omitida sem afetar a gramaticalidade da oração principal.

O autor (Hengeveld, 1998) aponta ainda que essa definição de construções subordinadas exclui expressões paratáticas, embora elas possam ter um valor semântico correspondente àqueles veiculados por construções subordinadas. Quanto a isso, é interessante a justificativa do linguista para esse recorte teórico: tal premissa se baseia no fato de que as construções paratáticas excluídas podem, de fato, (i) não apresentar um conectivo que relacione uma oração à outra, portanto, teríamos uma construção puramente justaposta, ou ainda (ii) apresentar um elemento que, de fato, estabeleça uma relação entre essas orações, porém não de forma subordinada, como é o caso da língua basca, ilustrado em (15), em que o advérbio relacional *gainera*, embora instaure uma relação de adição, não o faz nos moldes do que se poderia considerar uma subordinação:

(15) ³Oso berandu da, *gainera* euria ari du.

very late is in addition rain is has

muito tarde é além de chuva está tendo

‘Apart from being very late, it is raining.’

“It is very late, in addition it is raining.”

‘Além de ser muito tarde, está chovendo.’

“Está muito tarde, além de estar chovendo.”

Todas essas questões – adição, coordenação, subordinação – que envolvem as estruturas aqui investigadas serão retomadas e discutidas adiante, sob o arcabouço da Gramática Discursivo-Funcional, no capítulo seguinte.

³ Exemplo extraído de Hengeveld (1998, p. 336). A tradução dos morfemas, bem como do exemplo completo para o português foi livre.

4. HIPÓTESES E OBJETIVOS PARA OS USOS DE *ALÉM DE* NO PORTUGUÊS

Este trabalho baseia-se, fundamentalmente, em três hipóteses. A primeira é a de que as construções *além de* podem desempenhar duas funções distintas, uma de natureza interpessoal, que se estabelece na interação entre falante e ouvinte, e outra, de natureza representacional, relacionada à representação do universo extralinguístico.

A segunda hipótese, estritamente relacionada à primeira, é a de que tal distinção, que se estabelece no nível da formulação, apresenta reflexos morfossintáticos no que compete à ordenação dos constituintes. Dessa forma, estruturas *além de* com função interacional posicionam-se antes do núcleo, enquanto aquelas com função representacional situam-se depois dele.

A terceira hipótese é a de que as unidades morfossintáticas que compõem a estrutura *além de* relacionam-se por meio de um processo de cossubordinação, quando interacionais, e de subordinação, quando representacionais.

Nessa perspectiva, o objetivo geral é investigar, sob a ótica da Gramática Discursivo-Funcional, as construções introduzidas por *além de* na língua portuguesa. Como objetivo específico, pretende-se determinar as propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas dessa construção.

Para isso, essa pesquisa toma como universo de investigação três *corpora* de natureza distinta. O primeiro deles, que permite analisar o uso dessas estruturas na modalidade falada de oito variedades do português, é o *cópus* “Português oral”, organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha. Esse *cópus* traz amostragens das variedades do português falado em Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Outro universo de investigação é “O Córpus do Português⁴”, que se encontra disponível na internet. A amostragem, financiada pelo National Endowment for the Humanities (2004, 2015), foi criada por Mark Davies, professor e pesquisador da área de Linguística da Brigham Young University (BYU), e integra parte da coleção *corpora* dessa mesma universidade. Nesta investigação, faz-se uso da base de dados mais recente dessa amostragem, oficialmente criada entre 2015 e 2016, porém, a partir de uma coleta realizada entre os anos de 2013 e 2014. O córpus contém cerca de um bilhão de palavras de páginas da *web* de quatro países de língua portuguesa, a saber: Brasil, Portugal, Angola e Moçambique.

A terceira base de coleta de dados é a rede social Twitter. Essa escolha tem por finalidade possibilitar a seleção de dados em um contexto de comunicação que transita entre a modalidade falada e a modalidade escrita. Portanto, embora se trate de dados coletados a partir do registro escrito, carregam alto grau de espontaneidade, típica da maioria das produções na modalidade falada.

A opção pelo aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional para fundamentar a análise dos dados coletados nas referidas plataformas levou em consideração, primordialmente, a pertinência de se adotar um modelo de organização descendente, que procura relacionar as escolhas das estruturas utilizadas nos enunciados às intenções comunicativas. Assim, entende-se que esse modelo é capaz de explicar mais adequadamente o funcionamento das estruturas linguísticas na atividade interacional.

Aliado a isso, a estruturação organizacional em níveis e camadas do referido modelo teórico possibilita uma análise adequada das diversas formas de manifestação das construções *além de* no português. Nesse viés, os critérios metodológicos foram escolhidos, fundamentalmente, com base na estrutura organizacional do modelo, visando a verificar as hipóteses levantadas e cumprir com os objetivos propostos.

⁴ Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>

A análise contempla os dados a partir de um panorama qualitativo, e não quantitativo. Essa opção se justifica, principalmente, pelo fato de não se tratar de uma pesquisa sociolinguística. Assim, a adoção de um viés exclusivamente qualitativo permite caracterizar adequadamente os usos das construções *além de* no português.

Este trabalho se organiza em três capítulos. O primeiro deles trata do arcabouço teórico geral que embasa essa investigação, a Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008). Nele, busca-se apresentar a teoria em termos de sua organização em camadas, bem como a importância dessa arquitetura para a verificação das hipóteses e o alcance dos objetivos estabelecidos.

O segundo capítulo, por sua vez, traz os procedimentos metodológicos, de modo a apresentar, mais detalhadamente, os objetivos gerais e específicos do trabalho, as hipóteses consideradas, os universos de investigação e também os parâmetros que norteiam a análise dos dados.

Feitas as considerações metodológicas, o terceiro capítulo apresenta a análise das ocorrências, categorizando-as quanto aos tipos específicos de acordo com as funções que desempenham conforme o modelo teórico aqui adotado.

Nas considerações finais, apresentamos uma síntese dos principais resultados alcançados nessa investigação e as consequências teórico-metodológicas de uma abordagem como a que aqui propomos.

CAPÍTULO I

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta a teoria que embasa este trabalho, estando estruturado da seguinte maneira: primeiramente, são apresentados os pressupostos teóricos gerais da Gramática Discursivo-Funcional, situando-a no âmbito das teorias funcionalistas a partir da proposta de seu modelo de interação verbal de arquitetura descendente, com alcance tipológico. Em seguida, passa-se ao detalhamento de sua estruturação organizacional em níveis e camadas, detalhando cada um deles, começando dos níveis mais altos, Interpessoal e Representacional, para os mais baixos, Morfossintático e Fonológico, ou seja, da Formulação para a Codificação.

1.1 A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

A Gramática Discursivo-Funcional, doravante GDF, é uma teoria capaz de explicar os fenômenos que envolvem a interação entre os níveis pragmático, semântico e morfossintático, bem como de analisar unidades menores e maiores que a oração.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2009), a GDF concebe o usuário da língua como conhecedor tanto das unidades funcionais e formais da língua como das maneiras pelas quais essas unidades podem ser combinadas. Esse conhecimento apresenta elevado grau de estabilidade, de tal forma que pode ser comparado entre as línguas, revelando as tendências universais na estrutura linguística, como estudado na tipologia.

É por essa razão que a tipologia linguística, responsável pelo estudo dos princípios subjacentes à variação entre as línguas do mundo, desempenha um papel fundamental nessa teoria e mostra-se como uma das suas principais fontes de inspiração.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF pode ser caracterizada por sua organização descendente, ou seja, parte das intenções linguísticas do falante e, passado pelos outros níveis, chega ao nível fonológico, ou seja, à materialização do enunciado.

A escolha da organização descendente (*top-down*) não é aleatória, uma vez que, segundo os autores, a eficácia de um modelo pode ser mensurada pelo grau de aproximação que há entre sua forma de representação do fenômeno linguístico e o real processo de produção linguística. Além disso, estudos psicolinguísticos evidenciam que a produção linguística consiste em um processo organizado descendentemente, o que não significa, de modo algum, dizer que a GDF é um modelo do falante, mas sim uma teoria que procura aliar as evidências psicolinguísticas à elaboração de sua teoria gramatical. Ao considerar essa teoria como “um modelo que representa os fatos linguísticos”, Hengeveld (2004, p. 367) propõe que a GDF não deve ser concebida como um modelo para o processo comunicativo, mas sim como um modelo gramatical cujos padrões refletem esse processo.

Uma teoria gramatical com orientação para o discurso deveria, necessariamente, considerar unidades de análise que fossem além ou aquém dos limites da oração. Isso justifica o fato de a GDF adotar como unidade básica de análise o Ato Discursivo, isto é, unidades comunicativas que podem ser expressas linguisticamente por orações, fragmentos de orações, sintagmas ou palavras.

Nesse âmbito, a fim de cumprir com a tarefa de contemplar o processo comunicativo em sua totalidade, a GDF adota uma organização descendente de análise dos processos linguísticos, a partir da qual distingue quatro níveis de organização: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Os níveis Interpessoal e Representacional compreendem as operações de Formulação e, portanto, são responsáveis por elaborar, respectivamente, regras pragmáticas e semânticas. Já os níveis Morfossintático e Fonológico compreendem as operações de Codificação e, portanto, são responsáveis por codificar essas

regras, isto é, traduzem princípios do âmbito da interação falante-ouvinte e também da representação do mundo extralinguístico em aspectos morfológicos e fonológicos.

Segundo os autores, a existência desses quatro níveis justifica-se pela possibilidade de haver referência anafórica entre eles, o que significa dizer que devem estar disponíveis como antecedentes potenciais nas representações subjacentes. Os exemplos a seguir (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 5) ilustram essa possibilidade por meio das diferentes referências para o anafórico *that* ao longo dos quatro níveis de análise propostos pela teoria:

(1) Nível Interpessoal⁵

A. Get out of here!

B. Don't talk me like *that*!

(2) Nível Representacional⁶

A. There are lots of traffic lights in this town.

B. I didn't notice *that*.

Em (1B), o elemento anafórico *that* retoma a estratégia comunicativa escolhida por A, o que é um indício da presença do nível Interpessoal na representação subjacente de (1B). O exemplo (2B), por sua vez, traz o termo *that*, que retoma a situação do mundo exterior descrita em A, uma referência puramente semântica, característica do nível Representacional.

As referências anafóricas dos exemplos a seguir são diferentes, no sentido de que são de natureza metalinguística. Em (3B), *that* não se refere à entidade descrita por *chuletas de cordero*, mas ao sintagma “*chuletas de cordero*” em si. Tal sintagma constitui uma unidade

⁵ A. Saia daqui!

B. Não fale comigo *assim*!

⁶ A. Há muitos semáforos nessa cidade!

B. Não reparei nisso!

morfossintática, o que nos leva a concluir que ele está presente na estrutura morfossintática subjacente e pode, portanto, funcionar como um antecedente de referência anafórica. Segue-se o mesmo raciocínio em (4B), com a ressalva de que o antecedente é uma unidade fonológica, ao invés de sintática:

(3) Nível Morfossintático⁷

A. I had *chuletas de cordero* last night.

B. Is **that** how you say ‘*lamb chops*’ in Spanish?

(4) Nível Fonológico⁸

A. I had /tʃu'letasdekor'dero/ last night.

B. Shoudn't **that** be /tʃu'letasdeθor'dero /'?

Enquanto Componente Gramatical em uma grande teoria de interação verbal, a GDF interage com três outros componentes não gramaticais: Contextual, Conceitual e de Saída.

O Componente Conceitual é responsável tanto pelo desenvolvimento de uma intenção comunicativa relevante para o construto linguístico em questão, quanto pelas conceitualizações associadas aos eventos extralinguísticos relevantes. O Componente de Saída gera sinais acústicos ou ortográficos com base na informação fornecida pelo Componente Gramatical. O Componente Contextual contém uma descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente e da situação em que o evento de fala ocorrerá, tendo em vista a relação social estabelecida entre seus participantes.

O esboço abaixo tenta demonstrar a interação do Componente Gramatical com os outros três mencionados:

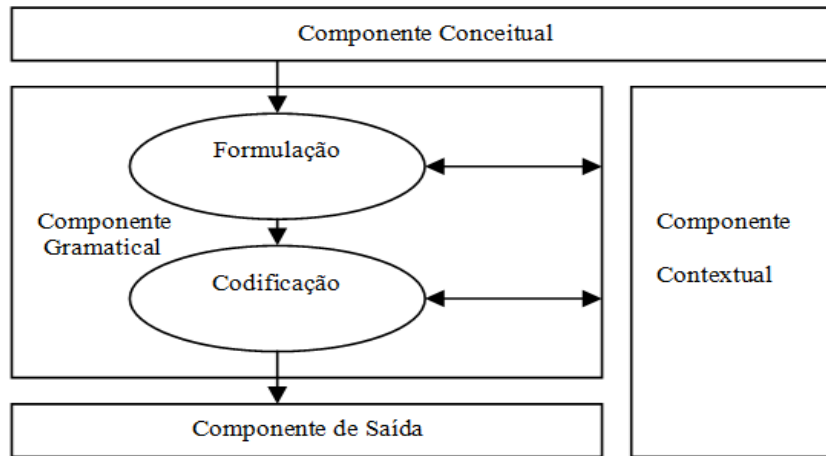
⁷ A. Eu comi *chuletas de cordero* ontem à noite.

B. É **assim** que vocês dizem “*lamb chops*” em espanhol?

⁸ A. Eu comi /tʃu'letasdekor'dero/ ontem à noite.

B. Não seria /tʃu'letasdeθor'dero /'?

Figura 2 – GDF como parte de uma teoria mais ampla de interação verbal



Fonte: Adaptada de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 6).

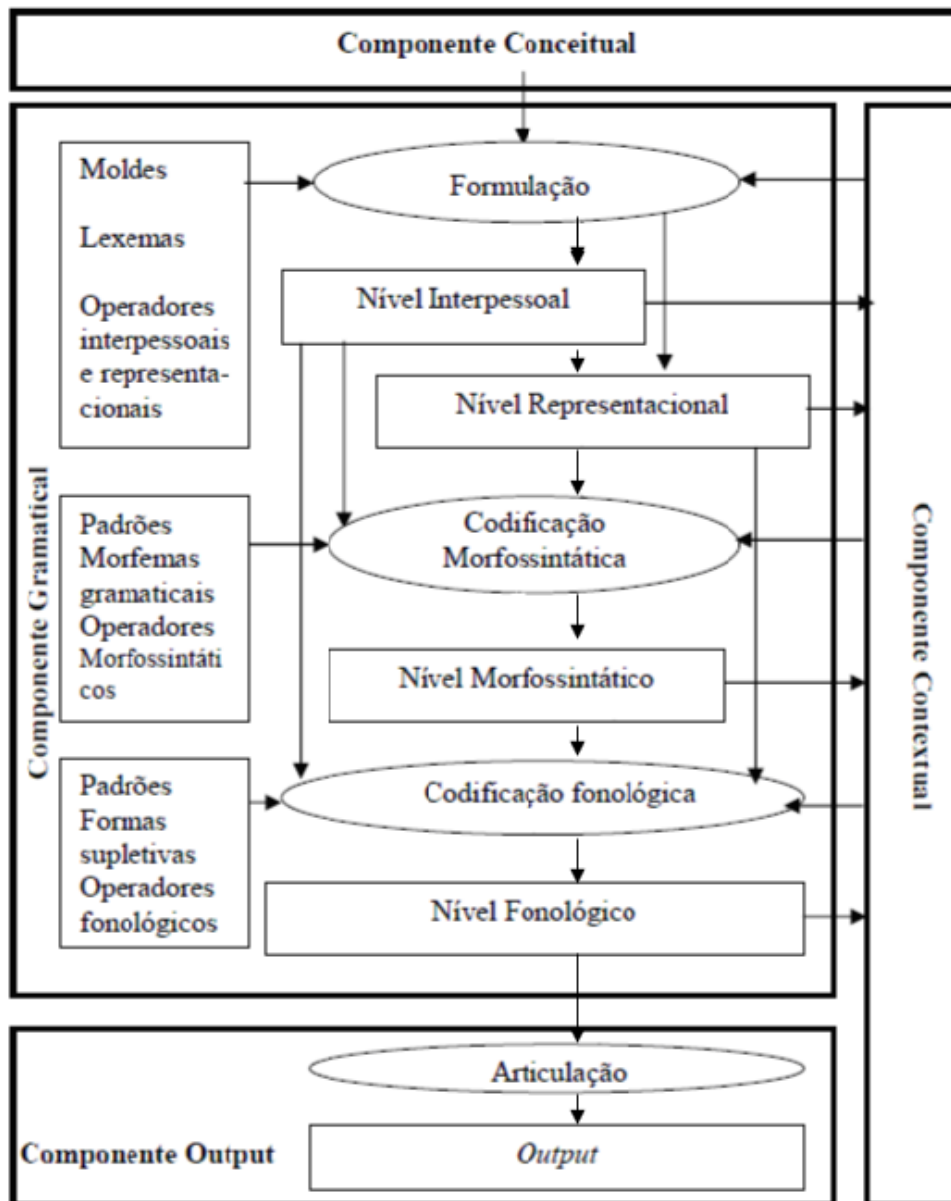
Por contar com um Componente Gramatical que atua com outros três componentes de naturezas distintas, a GDF pode ser compreendida como um “amplo modelo teórico de interação verbal”.

Feita a exposição dos aspectos gerais a respeito da teoria da Gramática Discursivo-Funcional, passaremos à explanação a respeito de sua arquitetura, desde a intenção comunicativa, até a materialização do enunciado.

1.1.1 Um modelo de interação verbal

A figura a seguir representa a arquitetura geral da GDF, os componentes mencionados na seção anterior e suas formas de interação:

Figura 3 – Esquema Geral da Gramática Discursivo-Funcional



Fonte: Adaptada de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13).

Dentro dos vários componentes, os círculos contêm operações, as caixas da extremidade esquerda contêm os primitivos utilizados nessas operações e os retângulos contêm os níveis de representação produzidos pelas operações.

Na organização descendente, a intenção comunicativa e suas representações mentais oriundas do Componente Conceitual são relevantes, uma vez que serão traduzidas, por meio

da operação de Formulação, em representações pragmáticas e semânticas nos níveis Interpessoal e Representacional. As regras utilizadas na Formulação variam de acordo com cada língua, posto que noções semânticas e pragmáticas não são universais.

A Codificação, por sua vez, ocorre nos níveis Morfossintático e Fonológico e compreende as regras que convertem essas representações pragmáticas e semânticas em representações morfossintáticas e fonológicas. Esse princípio aponta, assim, para ampla interação entre concepção e materialização linguísticas, uma vez que prevê estreita e simultânea relação entre intenção, representação e forma linguísticas. Por essa razão, entende-se que a presente abordagem teórica é capaz de explicar satisfatoriamente distinções relativas ao uso de terminadas construções que se refletem gramaticalmente nas línguas, com base nos princípios teóricos funcionalistas, que concebem a língua como instrumento de comunicação e interação e baseando-se em seu uso real.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), ao organizar o Componente Gramatical desse modo, a GDF leva a abordagem funcional da linguagem ao seu extremo lógico: dentro da organização descendente da gramática, a pragmática governa a semântica; a pragmática e a semântica governam a morfossintaxe; e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe governam a fonologia.

Passa-se, agora, à explanação acerca da organização de cada um dos níveis previstos no Componente Gramatical.

1.1.1.1 A organização em níveis e camadas

Como observado na figura anterior, o Componente Gramatical dispõe de quatro níveis de representação, que, por sua vez, são organizados em camadas hierárquicas. Essas camadas são compostas de uma variável própria (v_1), restringida, obrigatoriamente, por um

núcleo e, opcionalmente, por um modificador (σ). Cada camada pode, ainda, ser especificada por um operador (π) e carregar uma função (ϕ). Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 14) apresentam a organização geral das camadas da seguinte forma:

$$(5) (\pi v_1: [\text{núcleo } (v_1) \phi]: [\sigma (v_1) \phi]) \phi$$

Enquanto núcleos e modificadores representam estratégias lexicais, operadores e funções representam estratégias gramaticais. Operadores são caracterizados por ter aplicação restrita a sua unidade, ao passo que funções são de caráter relacional, podendo relacionar unidades em uma mesma camada. Em (5), para demonstrar que a relação entre núcleo, modificador e seus respectivos argumentos é não hierárquica, essas unidades foram envolvidas em uma mesma estrutura delimitada por colchetes (“[]”).

Feita essa breve explanação a respeito do funcionamento das camadas, passaremos, pois, ao detalhamento das características dos quatro níveis da GDF: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico.

1.1.1.1.1 Nível Interpessoal

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), o Nível Interpessoal diz respeito a todos os aspectos formais da unidade linguística que refletem o papel do falante na interação. Desse modo, está relacionado à pragmática, ou seja, compreende todos os aspectos que envolvem a interação falante-ouvinte. De acordo com os autores, esse nível abrange desde noções retóricas relacionadas à estrutura do discurso, passando pela reflexão dessas noções em formas linguísticas, até o modo como o falante produz o seu discurso, obviamente, baseado em suas expectativas da imagem que faz a respeito do ouvinte.

A figura abaixo representa a relação hierárquica entre as camadas do Nível Interpessoal, que caracterizaremos a seguir:

Figura 4 – Estruturação do Nível Interpessoal

$(\pi M_1: [$	Movimento
$(\pi A_1: [$	Ato Discursivo
$(\pi F_1: ILL (F_1): \Sigma (F_1))$	Ilocução
$(\pi P_1: \dots (P_1): \Sigma (P_1)) \Phi$	Falante
$(\pi P_2: \dots (P_2): \Sigma (P_2)) \Phi$	Ouvinte
$(\pi C_1: [$	Conteúdo Comunicado
$(\pi T_1: [\dots] (T_1): \Sigma (T_1)) \Phi$	Subato Atributivo
$(\pi R_1: [\dots] (R_1): \Sigma (R_1)) \Phi$	Subato de Referência
$] (C_1): \Sigma (C_1)) \Phi$	Conteúdo Comunicado
$] (A_1): \Sigma (A_1)) \Phi$	Ato Discursivo
$] (M_1): \Sigma (M_1))$	Movimento

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 49).

O Movimento (M) pode ser caracterizado como a mais alta, ou mais abrangente, unidade de interação relevante para a análise gramatical. É característica dessa unidade oferecer a possibilidade de reação, que pode ser uma resposta, um argumento ou até mesmo o silêncio. Dessa maneira, há dois tipos de Movimento: o de Iniciação e o de Reação. Observe o exemplo:

(6) A. Para qual time você torce?

B. Corinthians.

No exemplo acima, cada turno corresponde a um Movimento. O primeiro deles, *Para qual time você torce?*, é o Movimento de Iniciação, responsável por iniciar a interação, já o segundo, *Corinthians*, constitui um Movimento de Reação, que é uma resposta à tentativa de interação representada pelo primeiro Movimento. Considere o exemplo (7):

(7) A. Para qual time você torce?

B. Corinthians. Por que você quer saber?

C. Porque estou assistindo ao noticiário de esportes.

Embora um Movimento quase sempre corresponda a um turno conversacional, podemos encontrar casos como (7B), em que o falante faz uso do turno *Corinthians. Por que você quer saber?* para constituir dois Movimentos, sendo o primeiro deles *Corinthians*, e o segundo *Por que você quer saber?*. É por essa razão que Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 50) ressaltam que, na linguagem falada, a identificação de um Movimento pode não ser tão simples como no caso (6). Quando há material linguístico, um Movimento pode tomar a forma de um ou mais Atos Discursivos.

Atos Discursivos (A) são expressões linguísticas de sentido completo, formados por um esquema Ilocucionário (ILL) que, por sua vez, é composto de dois Participantes (P) (um falante (S) e um ouvinte (A)) e um Conteúdo Comunicado (C).

O relacionamento entre essas unidades pode ser de Equipolência ou Dependência. No primeiro caso, o falante atribui aos Atos o mesmo *status* comunicativo, já no segundo, é estabelecida uma relação hierárquica entre eles, sendo um Nuclear e o outro, Subsidiário.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 53), a relação de Dependência é mostrada na estrutura subjacente pela presença de uma Função Retórica no Ato Subsidiário. Vale atentar que o conceito de Função Retórica também se mostra essencial a essa análise, uma vez

que interfere na atuação de determinadas estruturas iniciadas por *além de*, como se verá adiante.

Nesse âmbito, uma Função Retórica pode ser entendida como uma estratégia comunicativa da qual o falante se vale para atingir determinados propósitos comunicativos na situação de interação. Essas funções retóricas podem ser de Motivação, Concessão, Orientação, Correção e Aposição.

A Função Retórica Motivação, exemplificada em (8), é aplicada ao ato subsidiário, com ilocução declarativa, a fim de apresentar um argumento para o que será dito ao ouvinte no ato nuclear, que carrega uma ilocução imperativa:

(8) Watch out, because there will be trick questions in the exam⁹.

Hengeveld e Mackenzie (2008) apontam, ainda, que a ordem dos Atos dentro do Movimento pode ser crucial para marcar essa Função Retórica, o que se comprova ao se comparar os exemplos, em que, para que a Motivação se realize, é fundamental que o Ato Discursivo Subsidiário se posicione antes do Nuclear, devido às restrições impostas pelo conectivo *so*:

(9) There will be trick questions in the exam, so watch out.¹⁰

(9A) *So whatch out, there will be trick questions in the exam.

Da mesma maneira, *because* não poderia ser usado em posição inicial para marcar a Motivação:

⁹ Atenção, porque haverá pegadinhas na prova. (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 53)

¹⁰ Haverá pegadinhas na prova, então, atenção! (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 54)

(9B) **Because there will be trick questions in the exam, watch out.*

A Concessão, por seu turno, é uma Função Retórica em que o Ato Subsidiário tem por propósito instaurar uma quebra de expectativa em relação ao Ato Nuclear, como se observa em (10):

(10) The work was fairly easy, although (I concede that) it took me longer than expected.¹¹

Se o falante se vale do Ato Discursivo Subsidiário com a intenção de orientar seu ouvinte, tem-se a Função Retórica Orientação conforme mostra (11):

(11) My brother, I promise not to betray him.¹²

Assim como para orientar, o falante pode usar o Ato Discursivo Subsidiário para corrigir determinada informação veiculada por ele mesmo. Quando isso ocorre, tem-se a Função Retórica Correção, como (12):

(12) I'd like to give your mother –your sister (I mean) – her book back.¹³

Por último, tem-se a Função Retórica Aposição. Essa função ocorre quando o falante faz uso de uma oração relativa não restritiva que agrega informação a respeito do Indivíduo introduzido na oração principal. Essa função é ilustrada em (13):

¹¹ O trabalho foi razoavelmente fácil, embora (eu admita que) tenha levado mais tempo que o esperado. (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 55)

¹² Meu irmão, eu prometo não traí-lo. (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 55)

¹³ Eu gostaria de devolver o livro a sua mãe (quero dizer) a sua irmã. (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 56)

(13) Did the students, who after all had worked very hard, pass the exam?¹⁴

Os Atos Discursivos, por seu turno, são classificados em Expressivos, Interativos e Ilocucionários. Nos Atos Expressivos, o Falante dá lugar a seus próprios sentimentos, ao invés de comunicar algo a seu ouvinte, como mostra (14):

(14) Droga!

Como se observa em (15), os Atos Interativos consistem em expressões cristalizadas, que integram rituais. Atos Ilocucionários, por sua vez, envolvem um Conteúdo Comunicado e também uma Ilocução, abstrata ou lexical, conforme exemplificam (16 A e B), respectivamente:

(15) Parabéns!

(16) A. Amanhã eu volto.

B. Prometo que amanhã eu volto.

Atos Discursivos podem ainda ser especificados por Operadores (π) de ironia, ênfase e de mitigação ou, ainda, ser modificados por um elemento lexical, que toma a forma de um restritor (Σ) desse Ato.

Enquanto a Ilocução indica a melhor maneira de se utilizar um Ato Discursivo a fim de atingir um objetivo e os Participantes compõem a díade Falante-Ouvinte, o Conteúdo Comunicado contém a totalidade do que o Falante deseja evocar/comunicar em sua interação com o Ouvinte (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 87).

¹⁴ Os alunos, que afinal de contas trabalharam bastante, passaram no exame? (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 58)

Por corresponder às escolhas que o Falante faz a fim de evocar entidades no mundo extralinguístico, é no Conteúdo Comunicado que o mapeamento das regras interpessoais, tocantes às intenções do falante, concretiza-se e, então, envia informações ao Nível Representacional.

O Conteúdo Comunicado (C) é composto de um ou mais Subatos, assim denominados por serem hierarquicamente subordinados aos Atos Discursivos. Subatos são classificados como Atributivos e Referenciais; além disso, são responsáveis por carregar as funções pragmáticas de Tópico, Foco e Contraste.

Já os Subatos Atributivos (T) consistem em uma tentativa do Falante de evocar uma Propriedade. Por outro lado, Subatos de Referência (R) dizem respeito à tentativa do Falante de evocar um Referente, isto é, uma entidade pertencente a uma categoria semântica particular. As distinções entre essas duas unidades são feitas em concordância com a língua que se analisa e, portanto, são feitas apenas no Nível Representacional. Para o Nível Interpessoal, só é importante fazer distinções que reflitam o estado de Referência enquanto atividade interpessoal, e não semântica.

Hengeveld e Mackenzie (2008) atribuem, assim, grande importância a essa camada, uma vez que, em uma teoria como a GDF, calcada na pragmática, Referência e Atribuição devem ser encaradas como ações linguísticas.

Encerrada a caracterização do Nível Interpessoal, vale dizer que, para este estudo, são primordiais os conceitos de Movimento, Ato Discursivo e Função Retórica. Passa-se, assim, à pormenorização do Nível Representacional, segundo nível do Componente Gramatical.

1.1.1.1.2 Nível Representacional

Enquanto o Nível Interpessoal diz respeito a questões pragmáticas, o Nível Representacional está relacionado aos aspectos semânticos da unidade linguística, ou seja, lida com as designações. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 128), o termo “semântico” é, então, restrito aos modos como a língua se relaciona com os possíveis mundos que ela descreve.

Dada sua natureza representativa, as unidades, nesse nível, são descritas de acordo com o tipo de entidade que designam. Tais entidades são classificadas em diferentes ordens, a saber: entidades de terceira ordem ou Conteúdos Proposicionais, entidades de segunda ordem ou Estados-de-Coisas, entidades de primeira ordem ou Indivíduos e entidades de zero ordem ou Propriedades.

O esquema abaixo representa a relação das unidades no Nível Representacional. Descreveremos cada uma delas adiante.

Figura 5 – Estruturação do Nível Representacional

$(\pi p_1:$	Conteúdo Proposicional
$(\pi ep_1:$	Episódio
$(\pi e_1:$	Estado-de-Coisas
$[(\pi f_1: [$	Propriedade Configuracional
$(\pi f_1: \blacklozenge (f_1): [\sigma (f_1)_\Phi])$	Propriedade Lexical
$(\pi x_1: \blacklozenge (x_1): [\sigma (x_1)_\Phi])_\Phi$	Indivíduos
...	
$] (f_1): [\sigma (f_1)_\Phi])$	Propriedade Configuracional

$(e_1)_\Phi$: $[\sigma (e_1)_\Phi]$	Estado-de-Coisas
(ep_1) : $[\sigma (ep_1)_\Phi]$	Episódio
(p_1) : $[\sigma (p_1)_\Phi]$	Conteúdo Proposicional

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 142).

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), Conteúdos Proposicionais (p) são construtos mentais que não existem nem no espaço nem no tempo, mas apenas na mente daqueles que os elaboram. Desse modo, conhecimentos, crenças e expectativas são classificados como Conteúdos Proposicionais.

Podem ser factuais, quando se referem ao mundo real, ou não factuais, quando se referem ao mundo imaginário do falante. Além disso, podem ser qualificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e de sua origem (conhecimento partilhado, evidência).

Embora o Conteúdo Comunicado de um Ato possa corresponder a um Conteúdo Proposicional, isso não significa dizer que se tratam de unidades idênticas. A principal diferença entre essas duas camadas consiste no fato de que Conteúdos Comunicados são atribuídos ao falante, o que nem sempre acontece com Conteúdos Proposicionais, que podem ser atribuídos a outros indivíduos que não o Falante.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2009, p. 14), Conteúdos Proposicionais contêm Episódios (ep), isto é, uma série de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes, com unidade de Tempo, Lugar e Indivíduo.

Estados-de-Coisas (e) correspondem a eventos ou estados que podem ser localizados no tempo relativo e avaliados em termos de sua realidade. Podem ser ditos “(não) ocorrer”, “(não) acontecer” ou “(não) ser o caso” em qualquer ponto ou intervalo no tempo. Além disso, podemos também qualificar Estados-de-Coisas em termos de sua ocorrência,

submetendo-os a modificadores que indiquem Tempo relativo, Lugar, Frequência, Realidade, Cenário físico ou cognitivo.

A Propriedade Configuracional (f), que corresponde ao predicado e seus argumentos, é formada por categorias semânticas equivalentes, ou seja, não mantém uma relação de hierarquia entre si.

Indivíduos (x), ou entidades de primeira ordem, dizem respeito aos objetos concretos que podem ser localizados no espaço e podem ser avaliados em termos de sua existência. Já as Propriedades (ou relações), são entidades de zero ordem, caracterizadas por não terem existência independente e poderem ser avaliadas somente em termos de sua aplicabilidade.

No Nível Representacional, além das quatro categorias semânticas tradicionalmente consideradas – Indivíduos, Propriedades, Estados-de-Coisas e Conteúdos Proposicionais –, a GDF acrescenta mais cinco subcategorias que entram na configuração de uma Propriedade Configuracional – Lugar, Tempo, Modo, Razão e Quantidade –, uma vez que, para muitas línguas, determinada categoria semântica é muito relevante, para outras, no entanto, há outros processos gramaticais que só são relevantes para as subclasses dessa categoria semântica.

Por Lugar (l) podemos entender a delimitação espacial designada por formas linguísticas específicas. Esse conceito pode variar de acordo com o contexto ou a depender das intenções de quem fala, por exemplo, quando um corretor diz “casa”, ele se refere a um Indivíduo, contudo, para um comprador, trata-se de um lugar para viver.

Para designar a categoria semântica Tempo (t), as línguas dispõem de expressões especializadas. Algumas estão ligadas à sua interpretação contextual no momento de fala (hoje, no próximo ano), outras estabelecem posições relativas na linha do tempo (antes de sexta-feira, durante), enquanto outras se relacionam com o calendário estabelecido socialmente (Domingo, Natal). Algumas expressões temporais identificam um ponto na linha

do tempo (momento, meio-dia), outras se estendem naquela linha (período, abril). Na GDF, todas essas expressões têm em comum o fato de serem introduzidas pela variável *t*.

Ao lado de Lugar e Tempo, Modo (*m*) é uma categoria que indica a maneira como o Estado-de-Coisas se realiza. Em outras palavras, as línguas nos permitem falar não apenas sobre *onde* e *quando*, mas também *como*. Por essa razão, a GDF reconhece a variável *m* para casos em que a língua tem expressões especializadas para designar Modos.

Em algumas línguas há evidência para a existência da categoria semântica Razão (*r*) ou da existência de uma palavra interrogativa de Razão, como *why*, no Inglês, e *por quê*, em português. Razões devem ser consideradas um tipo especial de Conteúdo Proposicional, dado que representam as intenções (ou reflexões) que levam um agente humano a agir de certa forma.

O termo Quantidade (*q*), por sua vez, é utilizado tanto para fenômenos incontáveis quanto para os contáveis. Embora as palavras *quantidade* e *número* sejam núcleos típicos de expressões Quantitativas, no uso relacional, elas irão ocorrer em expressões com um núcleo configuracional, por exemplo, em “*uma grande quantidade de queijo*”, o que é designado é o *queijo* e não uma *abstração*.

O quadro seguinte resume e exemplifica as categorias e subcategorias semânticas distinguidas na GDF:

Quadro 1 – Categorias Semânticas

Descrição	Variável	Exemplo
Propriedade	f	Cor
Indivíduo	x	Cadeira
Estado-de-Coisas	e	Encontro
Conteúdo Proposicional	p	Ideia
Lugar	l	Topo
Tempo	t	Semana
Episódio	ep	Incidente
Modo	m	Maneira
Razão	r	Razão
Quantidade	q	Litro

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 136).

Feita a caracterização desse nível da Formulação, destaca-se que, para este trabalho, a importância do Nível Representacional está calcada em seu caráter de representação do mundo extralinguístico, distinção fundamental em relação ao Nível Interpessoal, já que este lida com os aspectos relativos à interação na atividade linguística, como exposto. Essa distinção entre os níveis aponta ainda para uma distinção entre dois conceitos: Função Retórica e Função Semântica. Uma Função Retórica, como já discutido ao se caracterizar o Nível Interpessoal, apresenta papel na interação entre falante e ouvinte à medida que o falante se vale de uma estrutura retórica, marcada no Ato Subsidiário, para atingir seus propósitos comunicativos. Em outra perspectiva, literalmente representacional, está contemplada a Função Semântica, cujo objetivo não está voltado aos propósitos interacionais, mas sim aos fins de representação do mundo extralinguístico. Vale dizer ainda que, como apontam Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 194), a teoria não assume uma universalidade linguística das representações semânticas, mas considera que tais devem ser determinadas para cada

língua, separadamente, baseadas em distinções gramaticais relevantes que essas línguas apresentam. Uma Função Semântica, por fim, é responsável por especificar a relação entre um termo nuclear e seu termo dependente, ou seja, no caso desta investigação, entre o predicado *além* e seu argumento.

Passa-se, assim, à caracterização do Nível Morfossintático, que compõe a etapa de Codificação das unidades linguísticas, paralelamente ao Nível Fonológico.

1.1.1.1.3 Nível Morfossintático

Esta subseção detalha os aspectos relativos ao Nível Morfossintático, primeiro nível da Codificação das unidades formuladas nos níveis mais altos.

É tarefa do Nível Morfossintático tomar as informações pragmáticas e semânticas geradas nos níveis Interpessoal e Representacional e fundi-las em uma única representação estrutural que, por sua vez, será convertida em um construto fonológico no próximo nível. Essa última informação, conseqüentemente, será o *input* para o articulador, ou seja, o Componente de Saída.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que o Nível Morfossintático é dependente do *input* gerado pelos níveis mais altos. Essas informações, em seguida, serão encaminhadas ao Nível Fonológico que, por fim, gera o *input* para o componente de saída.

Além das informações lexicais que são sempre preservadas, o *input* conta com outras informações como: (i) dependência entre os termos, a exemplo das relações núcleo-modificador e núcleo-dependente; (ii) funções, tais como as relações pragmáticas entre Atos Discursivos Nucleares e Subsidiários e semânticas entre argumentos e predicados; (iii) operadores e suas aplicações para os respectivos domínios; e (iv) informações abstratas que serão convertidas em proformas variadas.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a relação entre o Nível Morfossintático e o *input* oriundo dos níveis da formulação é governada por três princípios – Princípio da Iconicidade, Princípio da Integridade de Domínio e Princípio da Estabilidade Funcional –, cuja função é maximizar o paralelismo entre as estruturas, aumentando, portanto, a transparência e a interpretabilidade da estrutura linguística.

Dessa maneira, embora a língua seja um construto simbólico e, assim, tolere a arbitrariedade entre forma e significado, observa-se que, nas línguas naturais, uma série de fenômenos revela determinada homologia da função em relação à forma. O Princípio da Iconicidade, por exemplo, reflete, linguisticamente, a ordem natural dos eventos no mundo extralinguístico. Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 283) ilustram esse princípio a partir da correspondência entre a ordem em que Movimentos, Atos Discursivos – no Nível Interpessoal –, Proposições e Episódios – no Nível Representacional – são introduzidos e a ordem em que são expressos.

Os autores assumem a existência de certa circularidade ao se afirmar que a ordem estipulada nos níveis da formulação está sujeita à real sequência das formas. Entretanto, a possibilidade de se adicionar modificadores específicos que indiquem a posição de uma unidade em uma sequência (tais como “primeiramente” ou “em segundo lugar”) ou operadores que façam alusão à ordem dos Estados-de-Coisas em uma sequência temporal (a exemplo de partículas que indiquem Anterioridade, Posterioridade ou Simultaneidade) sugere que a ordem faz parte da experiência física e mental, ou seja, do Componente Conceitual, e, assim, deve ser refletida nas camadas mais altas dos níveis Interpessoal e Representacional. É preciso notar, contudo, que a iconicidade não se aplica às camadas mais baixas, uma vez que os elementos configuracionais obedecem a padrões de ordenação de natureza gramatical, e não relativos ao Componente Conceitual.

O Princípio da Integridade de Domínio, por sua vez, pressupõe que os constituintes permanecem dentro de seus respectivos domínios, que, preferivelmente, não são interrompidos por constituintes de outros domínios. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 285), portanto, há uma preferência nas línguas para que as unidades que se combinam nos níveis Interpessoal e Representacional apareçam juntas no Nível Morfossintático. Isso significa dizer que, idealmente, um modificador deve sempre aparecer após seu núcleo, por exemplo. Entretanto, os autores consideram que o Princípio da Integridade de Domínio tem sido desprezado diante de outras estratégias comunicativas, dentre as quais se ressalta o fenômeno da parentetização.

Já o Princípio da Estabilidade Funcional, por sua vez, se define pela necessidade de que constituintes com a mesma função – interpessoal ou representacional – ocupem sempre a mesma posição. Assim, em cada camada, são introduzidos *slots*, cuja função é restringir elementos com a mesma especificação funcional, de modo a selecioná-los a fim de que apareçam na mesma posição relativa.

Assim, a relação geral estabelecida entre os níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático é a de mapeamento: o Nível Morfossintático, que integra o domínio da Codificação, tem a função de mapear as informações oriundas dos níveis Interpessoal e Representacional na formulação. Assim, os princípios de Iconicidade, Integridade de Domínio e Estabilidade Funcional fazem com que a relação entre os níveis seja a mais simples e a mais estável possível. Entretanto, uma série de aspectos pode contribuir para que o mapeamento nas línguas mostre determinada complexidade e variedade, em função da influência da competição entre fatores de diferente força.

1.1.1.1.3.1 As camadas morfossintáticas

As unidades formadoras do nível Morfossintático são: Expressão Linguística, Oração, Sintagma e Palavra. Dentro das palavras podemos distinguir, ainda, morfemas, como radicais e afixos. Obviamente as línguas podem variar a maneira como impõem a organização hierárquica de sua estrutura morfossintática. Como nos níveis descritos anteriormente, apresentaremos o esquema geral da estruturação do Nível Morfossintático e, em seguida, serão detalhadas cada uma de suas camadas:

Figura 6 – Estruturação do Nível Morfossintático

(Le ₁ :	Expressão Linguística
(Cl ₁ :	Oração
(Xp ₁ :	Sintagma
(Xw ₁ :	Palavra
(Xs ₁)	Raiz
(Aff ₁)	Afixo
(Xw ₁))	Palavra
(Xp ₁))	Sintagma
(Cl ₁))	Oração
(Le ₁))	Expressão Linguística

Fonte: Adaptada de Hengeveld e Mackenzie (2008).

A Expressão Linguística (Le), camada mais alta do Nível Morfossintático, refere-se a qualquer conjunto em que ao menos uma unidade pode ser utilizada de forma independente; quando essa camada for formada por mais de um item, eles pertencerão um ao outro morfossintaticamente, embora um não seja parte do outro. Orações e Sintagmas são exemplos

de unidades que podem ser combinadas dessa forma, seja entre si ou uns com os outros. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308)

É na camada da Expressão Linguística que ocorrem os processos de Equiordenação, Cossubordinação, Extraoracionalidade, Coordenação e Listagem. Cada um deles é definido em função da dependência existente entre os membros que formam determinada Expressão Linguística.

A Equiordenação acontece quando se instaura uma relação de mútua dependência entre duas orações ou sintagmas, como em *Ela canta tão bem quanto João cantava*.

O segundo tipo, que interessa especialmente à análise que ora se propõe, envolve uma dependência unilateral e é representado pelos processos de Cossubordinação e Extraoracionalidade. Enquanto a Cossubordinação ocorre apenas entre orações, como em *Tendo jogado com cuidado, não quebrou*, a Extraoracionalidade ocorre entre sintagmas, como em *Quanto aos alunos, eles ouviram as notícias ontem*. É válido atentar, aqui, para o fato de que, no caso da Cossubordinação, a primeira oração – *Tendo jogado com cuidado* –, embora não possa ocorrer sozinha, também não funciona como constituinte da segunda – *não quebrou*. Da mesma maneira, na Extraoracionalidade, o sintagma – *Quanto aos alunos* – também não apresenta autonomia sintática, porém tampouco atua como constituinte da oração que o segue – *eles ouviram a notícia ontem*. Assim, nota-se que, em ambos os exemplos, nenhuma das porções introdutórias pode ser usada independentemente, porém, também não ocupam estatuto de constituinte da porção que as acompanham.

Coordenação e Listagem, por seu turno, ocorrem, respectivamente, entre orações e sintagmas e configuram processos onde não há dependência entre seus componentes. Enquanto a primeira pode ser exemplificada por construções como *O Corinthians ganhou e o Palmeiras perdeu*, a segunda, pela sequência *arroz, feijão, bife e batatas fritas* (em resposta à pergunta *O que você comeu no almoço hoje?*).

Como se nota, a GDF propõe uma série de processos que buscam explicar o relacionamento morfossintático dos constituintes de determinada construção, ultrapassando os limites comuns da abordagem da relação de orações – que se limitam, majoritariamente, a situar as discussões no âmbito da hipotaxe e parataxe.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 18), a Oração (Cl) é formada por um grupo de Sintagmas ou Palavras e é caracterizada por uma espécie de molde que tem a função de estabelecer a ordem de seus constituintes e das expressões morfológicas que propiciam a conexão entre eles. Além disso, a oração pode ser considerada uma estrutura morfossintática universal e único lugar em que determinados processos morfossintáticos, como a subordinação, podem ocorrer.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), há dois tipos de relação que devem ser cuidadosamente distinguidos: relação núcleo-dependente e relação núcleo-modificador. A relação núcleo-dependente é a que se estabelece entre o predicado – verbal, nominal ou adposicional – e seus respectivos argumentos, os quais, por sua vez, estabelecem entre si uma relação de equipolência.

De acordo com os autores, posições de argumento e modificador podem ser ocupadas por qualquer camada do Nível Representacional. Elementos com função de modificador, independente da camada a que correspondam, estabelecem, necessariamente, uma relação com um elemento central, o núcleo. Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram que a relação núcleo-modificador ocorre entre dois membros de um par, em que o elemento morfossintaticamente marcado é o modificador.

Assim, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), uma oração pode ocorrer como constituinte de outra, na forma de oração adverbial, completiva ou predicativa. Um fator importante para essa perspectiva é que fatores interpessoais, representacionais e morfossintáticos são responsáveis pela escolha de determinados tipos de oração subordinada.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 352) observam que nem todas as línguas dispõem de orações subordinadas e, assim, usam construções paratáticas. Há ainda línguas em que orações subordinadas e principais são exatamente idênticas, como é o caso de algumas construções do inglês (17):

(17) Sheila thinks *Peter is ill*.

Contudo, há muitas outras línguas que apresentam orações subordinadas formalmente distintas das principais e que, além disso, podem apresentar mais de um tipo de oração subordinada, como é o caso do português, que apresenta orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais que, por sua vez, se subdividem em diversos tipos.

De forma geral, orações subordinadas podem ser distinguidas de orações principais por meio de três propriedades: (i) presença de conjunção, (ii) formas verbais especiais e (iii) marca especial em seus argumentos. O português, por exemplo, distingue orações subordinadas de principais pela presença da conjunção introduzindo a oração subordinada. A escolha de determinada conjunção, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), pode ocorrer em função de fatores modais, como nos casos em que o modo subjuntivo exige o uso da conjunção *se*, que introduz enunciados não factuais. As conjunções podem, além de unir orações, participar da expressão de seu significado, o que, de acordo com os autores, é certamente o caso das conjunções adverbiais, que servem também para expressar a Função Semântica da oração adverbial dentro de sua principal.

Outra possível diferença entre oração subordinada e principal está relacionada ao fenômeno da concordância de tempos, tradicionalmente nomeado *consecutio temporum*. Ao contrário de algumas línguas, no português, é necessária a aplicação da concordância de tempos entre o verbo da oração principal e da subordinada.

Como propõe a arquitetura da GDF, uma camada mais alta contém todas as camadas mais baixas. Portanto, construções subordinadas podem ser classificadas em termos das camadas mais altas que elas contêm. Além disso, uma vez que toda camada tem seu próprio conjunto de operadores e modificadores, pode-se, assim, prever quais operadores e modificadores uma subordinada comporta a depender de sua camada mais alta. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 363).

No Nível Morfossintático, o processo de Subordinação ocorre na camada da Oração, mas pode ocorrer também nas camadas do Sintagma e da Palavra. Tal como ocorre com as Orações, Sintagmas podem conter outros Sintagmas ou Orações que, dentro de Sintagmas mais altos, podem atuar como argumentos ou modificadores. Uma Palavra, por sua vez, pode incorporar outra Palavra, um Sintagma e até mesmo uma Oração.

O Sintagma (Xp) consiste em uma configuração sequenciada de Palavras, outros Sintagmas e Orações encaixadas. Este constituinte é constituído por um núcleo lexical, oriundo do Nível Interpessoal ou Representacional, e pode ser de vários tipos: verbal, nominal, adjetival, adverbial e adposicional, a depender de seu núcleo.

A Palavra (Xw), por sua vez, é formada por radicais e afixos. Em algumas línguas, ela também pode, como qualquer outra camada de análise morfossintática, encaixar camadas superiores, como Sintagmas e Orações, obedecendo à recursividade completa.

Na GDF, Lexemas são distinguidos de Palavras, porque os primeiros atuam no Nível Representacional, enquanto os últimos, no Morfossintático. Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 400), a necessidade dessa distinção se deve a três razões: a primeira delas é a inexistência de uma relação biunívoca entre essas duas classes, ou seja, um Lexema pode ser morfossintaticamente representado por duas Palavras e vice-versa. A segunda razão é a de que, mesmo em línguas em que não seja relevante estabelecer qualquer distinção entre classes de Lexemas, pode haver necessidade de se distinguir entre classes de Palavras. A

terceira, por sua vez, se justifica pelo fato de que muitas Palavras não têm um Lexema correspondente, como é o caso de todas as Palavras gramaticais, cujo correspondente pode ser um operador ou uma função, Interpessoal ou Representacional, introduzidas por elementos vazios (*dummies*) ou suporte. Essas relações podem ser observadas no quadro a seguir:

Quadro 2 – Correspondências entre classes de Palavras Lexicais e Gramaticais

Classe de Palavras	Exemplo	Classe de Palavras	Exemplo
Lexicais		Gramaticais	
Verbo	Exterminar	Verbo Auxiliar	Deve, ser
Nome	Ferradura	Pronome	Eu, isso, este
Adjetivo	Formidável	Pró-adjetivo	Tal
Advérbio	Elevadamente	Pró-advérbio	Lá, além
Adposição	Sob	Adposição	De, ao
		gramatical	
Conjunção	Enquanto	Conjunção	Que, porque
		gramatical	
Partícula	Ei, ou	Partícula gramatical	Só, até

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 401).

Como se observa, Palavras Lexicais são introduzidas no Nível Morfossintático e classificadas de acordo com sua distribuição sintática e seu conteúdo lexical. Os pronomes, por exemplo, que pertencem à classe das palavras gramaticais, dispõem da mesma distribuição sintática da classe lexical dos nomes, contudo, correspondem a propriedades abstratas nos níveis Interpessoal e Representacional, razão pela qual são considerados elementos gramaticais.

1.1.1.1.3.2 A ordenação de constituintes

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a ordenação de constituintes pertence ao Nível Morfossintático, e língua nada mais é do que o resultado de um conjunto de princípios que interatuam. Cada princípio tem uma motivação funcional; nem sempre, contudo, há entre

os eles uma concordância em termos de preferência na ordenação. Sendo assim, um princípio pode preferir uma ordem diferente de outro. Embora cada um apresente razões plenamente justificáveis para alocar determinado constituinte em uma posição X, e não Y, nenhuma língua pode atendê-los simultaneamente; dessa maneira, o resultado final da ordenação de constituintes em uma língua será sempre caracterizado por certo grau de tensão.

García Velasco (2017) vale-se do Princípio da Integridade de Domínio, já nomeado entre os atuantes na relação formulação-codificação, para discutir questões relativas à ordenação de constituintes. Desse modo, entende que, ao se romper a organização morfossintática para alocar uma unidade linguística em uma posição que não lhe é convencional, instaura-se um processo de descontinuidade sintática. Uma vez que a ideia de descontinuidade pressupõe a desestruturação de um constituinte, é crucial que a própria definição teórica de constituinte esteja clara, para, apenas posteriormente, verificar se este processo ocorre ou não.

Tendo em vista a organização em camadas do modelo da Gramática Discursivo-Funcional de modo a refletir a prioridade de fatores de ordem pragmática e semântica na construção de enunciados, é de primordial interesse que a interface entre os níveis seja observada com atenção, o que pressupõe, portanto, que o fenômeno da descontinuidade – justificado pela autonomia dos níveis – receba atenção especial. É por essa razão que se faz fundamental atentar à organização hierárquica do modelo, uma vez que isso interfere diretamente no conceito de domínio adotado pelo analista.

Apoiando-se em Huck e Ojeda (1987), García Velasco (2017) enumera três critérios fundamentais para se identificar constituintes descontínuos, a saber: interpretação semântica constante, dependência sintática e unidade semântica. Para tratar a descontinuidade sintática, a teoria da Gramática Discursivo-Funcional toma por base o princípio da unidade semântica, entendendo, assim, que as unidades não contínuas não formam um constituinte, mas podem,

por outro lado, corresponder a uma unidade semântica (HUCK; OJEDA, 1987, p. 5, *apud* GARCÍA VELASCO, 2017).

Segundo Contreras-García (2012, *apud* GARCÍA VELASCO, 2017), uma discrepância surge se o mesmo elemento linguístico se representa em vários níveis de forma a produzir uma relação não isomórfica. Entretanto, há que se considerar os três princípios que, inicialmente, impediriam a discrepância entre os níveis: iconicidade, estabilidade funcional e integridade de domínio.

Para este trabalho, também essas noções se mostram pertinentes dado que, como já ilustrado, há construções *além de*, especialmente as introduzidas por *para*, que se situam entre os termos da oração, como sujeito e predicado. Assim, se a noção de domínio adotada é de base sintática, esse tipo de construção corresponderia a uma estrutura parentética que, por sua vez, violaria o princípio em questão. Entretanto, há de se observar que, como já apontado, em um modelo descendente, que pressupõe interação entre os níveis, o próprio conceito de domínio pode variar, o que será tratado posteriormente.

1.1.1.1.3.3 A ordenação de constituintes hierárquicos

Em um modelo de organização descendente, entende-se que a melhor maneira de dar continuidade a uma implementação dinâmica de codificação das unidades interpessoais e representacionais dos constituintes hierárquicos seria iniciar pelo posicionamento de funções, modificadores e operadores de Movimento nas posições oracionais (e extraoracionais) apropriadas, finalizando com o posicionamento de operadores e modificadores de Propriedades Configuracionais de Estados-de-Coisas, o que se nota no esquema a seguir:

Figura 7 – Codificação das unidades interpessoais e representacionais

$\Sigma^M/\pi^M \longrightarrow \phi^A/\Sigma^A/\pi^A \longrightarrow \Sigma^F/\pi^F \longrightarrow \phi^C/\Sigma^C/\pi^C \longrightarrow$
$\Phi^{ep}/\sigma^{ep}/\pi^{ep} \longrightarrow \phi^p/\sigma^p/\pi^p \longrightarrow \phi^e/\sigma^e/\pi^e \longrightarrow \sigma^f/\pi^f$

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 311).

Dentro de cada grupo, funções são expressas antes de operadores e modificadores, uma vez que as funções são externas às unidades a que se aplicam. Então, obedece-se ao Princípio da Iconicidade quando se ordenam hierarquicamente unidades relacionadas.

Ao se iniciar o posicionamento dos constituintes, há três posições imediatamente disponíveis: inicial (P^I), medial (P^M) e final (P^F). As duas posições periféricas, P^I e P^F , são psicologicamente salientes e alguns sistemas de ordenação de constituintes podem ser sistematicamente descritos justamente a partir delas. A posição medial, por seu turno, é menos saliente, uma vez que não é uma posição singularmente identificável, tendo em vista o número de constituintes que uma Oração pode conter.

Assim, outras posições podem ser definidas dentro da Oração a partir dessas três posições absolutas: pós-inicial (P^{I+1}), penúltima (P^{F-1}) e pós-medial (P^{M+1}). Essas posições, entretanto, apenas podem ser preenchidas caso as posições absolutas já o tenham sido.

Na verdade, essas três posições – $P^{pré}$, P^{centro} e $P^{pós}$ – se definem dentro da Expressão Linguística, e não da Oração. Dessa maneira, as posições relevantes são P^I e P^F , e a Oração ocupa a posição P^M :

Quadro 3 – Esquema de posições (inicial, medial e final)

Expressão Linguística	P^I	Oração			P^F
Oração		P^I	P^M	P^F	

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 312).

A fim de distinguir entre as posições P^I e P^F nas camadas da Expressão Linguística e da Oração, a GDF adota a nomenclatura $P^{pré}$ para a posição pré-oracional, P^{centro} para a posição oracional e $P^{pós}$ para a posição pós-oracional:

Quadro 4 – Esquema de posições (pré, centro e pós)

Expressão Linguística	$P^{pré}$	P^{centro}			$P^{pós}$
Oração		P^I	P^M	P^F	

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 312).

Pezatti (2014) defende que a Oração, em português, admite três posições: P^I e P^F , reservadas aos constituintes hierárquicos, e P^M , reservada aos não hierárquicos.

O quadro que segue mostra que os operadores, ou as palavras gramaticais, já gramaticalizados e sem um correspondente lexical preferem ocupar a posição inicial a fim de indicar ênfase, Polaridade e Tempo universal (Vt_1) ou negativo ($\emptyset t_1$). Locação e Tempo absoluto, por sua vez, que podem ser representados por modificadores, portanto itens lexicais, ocupam a posição final com vias a refletir iconicamente o conteúdo semântico:

Quadro 5 – Posição dos operadores (π) oracionais interpessoais e semânticos

Oração			
π	P^I	P^M	P^F
C	Ênfase	Não hierárquicos	Hierárquicos
Ep		Não hierárquicos	Tempo absoluto
e	Polaridade Tempo (Vt_1) ($\emptyset t_1$)	Não hierárquicos	Locação Tempo (Vt_1)

Fonte: Pezatti (2014, p. 129).

Os modificadores, semelhantemente, apresentam posições interpessoais definidas a partir de seu papel na interação. No Nível Representacional, contudo, essa posição é determinada pelo escopo, a exemplo dos modificadores de Conteúdo Proposicional que, por escoparem essa camada mais alta, alocam-se em P^I ou P^F , como segue:

Quadro 6 – Posição dos modificadores (σ) oracionais interpessoais e semânticos

Oração			
σ	P^I	P^M	P^F
A	Sequenciação Exemplificação Conclusão	Não hierárquicos	Ênfase
F	Modo	Não hierárquicos	
C	Atitude Conclusão	Não hierárquicos	
p	Atitudinal Domínio	Não hierárquicos	Atitudinal Evidencial Concessão
ep		Não hierárquicos	Tempo absoluto
e		Não hierárquicos	Causa Realidade Locação Modo
f		Não hierárquicos	Duração Companhia Beneficiário

Fonte: Pezatti (2014, p. 130).

Como se nota, os outros modificadores posicionam-se ao fim da oração, também copiando iconicamente o conteúdo semântico. Pezatti (2014) argumenta que essa ordem só pode ser alterada em função de fatores pragmáticos, a exemplo das funções pragmáticas Tópico e Foco, e, depois, por fatores estruturais, relacionados à complexidade do constituinte envolvido. A autora ainda observa que o português prefere alocar o Tópico em PI, o Foco em PF e o Contraste, por sua vez, por não ter uma posição definida, é marcado por operadores, que preservam a ordem de constituintes hierárquicos e não hierárquicos.

Nessa perspectiva, Pezatti (2014) afirma não ser apropriado, de modo algum, afirmar que o português é uma língua de ordem livre, dado que a alocação de constituintes obedece a princípios de ordem pragmática, semântica e morfossintática. A linguista acrescenta ainda que dizer que o português é uma língua Sujeito – Verbo – Objeto (SVO) também não se justifica, dado que os constituintes não hierárquicos se situam em P^M , com o predicado em posição absoluta e seus argumentos não tópicos à sua direita. Dessa forma, só há anteposição do sujeito ao verbo se este for, também, Tópico. Assim, a partir dessas considerações, entende-se que o mais adequado seria caracterizar o português como uma língua Tópico – Predicado – não Tópico.

O capítulo segue e finaliza a partir do tratamento do Nível Fonológico, último da hierarquia do modelo e também da etapa de Formulação.

1.1.1.1.3 Nível Fonológico

O Nível Fonológico é responsável por todos os aspectos de codificação que não são tratados pelo Nível Morfossintático. De acordo com o esquema ilustrativo da organização descendente, apresentado no início deste capítulo, percebe-se que, após receber o material de

entrada oriundo dos outros três níveis, o Nível Fonológico libera esse mesmo tipo de material para o Componente de Saída, etapa final da produção do enunciado. As unidades componentes do Nível Fonológico são Enunciado, Frase Entonacional, Frase Fonológica, Palavra Fonológica, Pé e Sílabas, e a relação hierárquica que se estabelece entre elas pode ser observada a seguir:

Figura 8 – Estruturação do Nível Fonológico

$(\pi U_1: [$	Enunciado
$(\pi IP_1: [$	Frase Entonacional
$(\pi PP_1: [$	Frase Fonológica
$(\pi PW_1: [$	Palavra Fonológica
$(\pi F_1: [$	Pé
$(\pi S_1)^N$	Sílabas
$] (F_1))$	Pé
$] (PW_1))$	Palavra Fonológica
$] (PP_1))$	Frase Fonológica
$] (IP_1)$	Frase Entonacional
$] (U_1))$	Enunciado

Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 428).

O Enunciado (U) é a maior e mais importante parte com a qual o Nível Fonológico lida. Com base em Hayes (1989), Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 430) assumem que “os falantes tendem a utilizar mais pausas substanciais para separar Enunciados do que para separar Frases Entonacionais”. Dessa maneira, os autores argumentam que esse tipo de pausa jamais será entendido pelo ouvinte como uma forma de hesitação.

A Frase Entonacional (IP) é caracterizada por um núcleo, ou seja, um ponto tonal localizado em uma ou mais sílabas que é entendido como um operador de queda ou de elevação, essencial para a interpretação da Frase Entonacional como um todo. À semelhança dos Enunciados, a separação entre as Frases Entonacionais se dá por meio de pausas, neste caso, menores. Ritmos e durações adicionais ficam sob a responsabilidade do Componente de Saída. Por fim, a perda das fronteiras entre os Atos Discursivos, que provoca uma maior integração entre eles, é o que nos leva a interpretar tal sequência como uma única Frase Entonacional.

Já a Frase Fonológica (PP) desempenha diferentes papéis de acordo com o tipo de língua: nas línguas de acento, ela contém uma sílaba destacadamente mais forte que marca a queda ou o alçamento dentro da Frase Entonacional; nas línguas tonais, por outro lado, é no domínio da Frase Fonológica que acontece o chamado *sandhi*.

A Palavra Fonológica (PW) refere-se, por seu turno, a uma parte da estrutura fonológica que dispõe de pelo menos uma característica criteriosa, que pode estar relacionada ao número de segmentos, a características prosódicas, ou ainda ao domínio das regras fonológicas. Uma das principais tarefas do Nível Fonológico é converter todos os marcadores de posição (*placeholders*) oriundos dos outros níveis em formas fonológicas e, então, integrá-los a uma palavra fonológica. Para tanto, o nível Fonológico dispõe de uma gama de primitivos que providencia material fonológico suficiente para substituir os marcadores de posição no componente de entrada.

As Palavras Fonológicas são divididas em Sílabas (S) que, em línguas acentuais, agrupam-se em Pés (F). O Acento é indicado por um operador na variável Sílaba. Línguas de tom acentual, não acentual e de acento tonal também envolvem operadores.

Este capítulo trata dos aspectos gerais de caracterização da teoria da Gramática Discursivo-Funcional, situando-a em seu panorama tipológico-funcional. Para arcar com a

tarrafa de analisar enunciados desde a sua formulação até sua materialização linguística, tal modelo adota uma análise descendente, que se divide em quatro níveis de análise – Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico, respectivamente. Vale acrescentar ainda que as questões relativas à ordenação de constituintes, essenciais à tese que ora se propõe defender, constituem processos referentes às codificações morfossintáticas de aspectos pragmáticos e semânticos do âmbito da formulação.

Feitas as devidas considerações a respeito da teoria que fundamenta esta investigação, passa-se às premissas teórico-metodológicas que norteiam essa análise.

CAPÍTULO 2

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, são detalhados os materiais, o método e as questões investigativas que norteiam e permitem a análise das construções *além de* na língua portuguesa.

Para uma melhor organização, parte-se da exposição das hipóteses e dos objetivos deste estudo; em seguida detalha-se cada corpus utilizado; e, por fim, passa-se à exposição dos critérios de análise propriamente ditos.

2.1 HIPÓTESES E OBJETIVOS

Como apontado na Introdução, este estudo tem por proposta estabelecer as propriedades interacionais e semânticas das construções com *além de* em português. Como objetivo específico, pretende verificar como essas propriedades são codificadas morfossintática e fonologicamente no português, partindo de três hipóteses.

A primeira delas é a de que as construções *além de* podem desempenhar duas funções distintas, uma de natureza interpessoal, que se estabelece na interação entre falante e ouvinte, e outra de natureza representacional, cujos propósitos estão relacionados apenas à representação do universo extralinguístico.

Isso leva à segunda hipótese, a de que estruturas *além de* com função interacional se posicionam antes do núcleo, enquanto as com função representacional, depois dele, já que aspectos da formulação pragmática e semântica se refletem na codificação morfossintática e/ou fonológica das expressões linguísticas.

A terceira hipótese é a de que a dicotomia coordenação vs. subordinação não abarca os tipos de relações possíveis de serem estabelecidas entre as unidades morfossintáticas que compõem a estrutura *além de*.

Além dessas hipóteses, pretende-se responder à seguinte questão: construções *além de* antecedidas pela preposição *para* são usadas com os mesmos propósitos das construções sem preposição?

Para isso, utiliza-se como universo de pesquisa três *corpus*, a seguir detalhados.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO *CÓRPUS*

Para descrever e analisar, a partir da ótica discursivo-funcional, as construções *além de* em português, esta pesquisa vale-se da análise e da interpretação de ocorrências reais de uso extraídas de três *corpus* distintos: *corpus* Português Oral, *Cópus* do Português e Twitter, que serão detalhadamente descritos a seguir.

2.2.1 O *corpus* Português Oral

O *corpus* Português oral é fruto do Projeto “Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais”. Essa base de dados, organizada pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha, compreende amostragens de variedades do português falado em Portugal, no Brasil, nos países africanos de língua oficial portuguesa e em Macau, embora existam também amostragens do português falado em Goa e em Timor-Leste, recolhidas posteriormente. O material compreende gravações realizadas em lugares, datas e situações diversificadas, que

são acompanhadas das correspondentes transcrições ortográficas alinhadas, o que permite maior precisão de análise.

As 86 gravações que formam esse universo investigativo foram coletadas entre 1970 e 2001, com uma predominância de aproximadamente 70% nessa última década. As amostras compreendem desde conversas informais entre pessoas conhecidas ou amigos e familiares, até intervenções mais formais, como programas radiofônicos. São textos exemplificativos do português falado em Portugal (30), no Brasil (20), nos países africanos de língua oficial portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe (5 de cada), em Macau (5), em Goa (3) e em Timor-Leste (3) e correspondem a 8 horas e 44 minutos de gravação e a 91.966 palavras gráficas.

Cada ocorrência utilizada para exemplificação pode ser identificada por meio das informações sobre país, ano e título do inquérito, dispostas, dessa forma, ao fim do trecho, entre parênteses. O nome do país aparece em forma abreviada, seguido apenas dos dois dígitos finais correspondentes ao ano de coleta; logo após essas informações, aparecem dois pontos (:) e, então, o nome do inquérito, como se pode observar em (1):

(1) (Ang97: Guerra e Ambiente)

Vale ressaltar que a seleção dessa amostragem é de suma importância para este estudo, principalmente porque permite a verificação de fatores de ordem fonológica. Esses elementos são fundamentais para a análise que ora se propõe, uma vez que, assim, é possível verificar eventuais reflexos de particularidades pragmáticas ou semânticas na codificação fonológica das construções *além de*.

O material considerado em nossa análise restringe-se às variedades brasileira, portuguesa, timorense e africanas, tendo em vista que constituem a língua oficial desses

países. Vale dizer que, embora o *cópus* conte com uma série de amostras das variedades, este estudo não se vale desse material com o propósito de estabelecer um estudo comparativo entre elas, mas especialmente como ferramenta de análise do funcionamento das construções *além de* na modalidade falada da língua.

2.2.2 O *Cópus* do Português

O outro universo de investigação é o *Cópus* do Português. Essa amostragem foi elaborada pelo professor de Linguística da Brigham Young University, Mark Davies, é financiada pelo National Endowment for the Humanities (2004, 2015) e faz parte do catálogo de corpora da mesma universidade.

O *Cópus* do Português conta com duas partes distintas: uma delas, com 45 milhões de palavras de quase 57.000 textos em português produzidos entre os séculos XIII e XX, foi elaborada entre 2004 e 2006 e permite verificar mudanças a partir de uma perspectiva diacrônica ou em função de determinado gênero textual. Segundo o informativo do *cópus*, as 20 milhões de palavras correspondentes ao século XX compõem uma miscelânea formada por textos conversacionais, ficcionais, jornalísticos e acadêmicos. A outra parte do *cópus*, constituída entre 2015 e 2016, tem cerca de 1 bilhão de palavras e possibilita verificar variações dialetais, já que a amostragem é formada por páginas da internet de quatro países de língua portuguesa – Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. Ao contrário do recorte diacrônico, essa porção do *cópus* conta com enunciados do português mais recente, uma vez que os dados foram coletados entre 2013 e 2014.

Nesta pesquisa, as ocorrências extraídas do *Cópus* do Português serão identificadas da seguinte maneira:

CP:BR:1998:1

Neste caso, *CP* indica a fonte, ou seja, o *Cópus do Português*, *BR* indica o país, *1998* o ano da ocorrência e *1* o número em relação às outras ocorrências extraídas do mesmo *cópus* utilizadas para exemplificação. Optou-se por não fazer a distinção entre as amostragens descritas acima, pois este estudo não pretende fazer qualquer análise em função de fatores que envolvem as variáveis que os diferenciam, ou seja, relativas a diacronia, gêneros textuais, páginas da internet ou, ainda, às variedades do português que compõem ambas as amostras.

2.2.3 Twitter

Com fins de formar uma amostra mais significativa – e até mesmo mais democrática – que permita verificar mais amplamente o funcionamento das construções *além de*, recorreremos às redes sociais, mais especificamente ao Twitter.

A escolha dessa rede social específica se justifica em função de dois elementos principais, sendo o primeiro deles o fato de que o Twitter dispõe de uma ferramenta de busca avançada de textos, por meio da qual é possível procurar *tweets* que contenham determinadas expressões, produzidas em determinada data e local específicos – esse último aspecto permite-nos, inclusive, realizar uma varredura pelos vários países de língua portuguesa. O segundo, por sua vez, baseia-se na premissa de que os *tweets* contam com certo grau de espontaneidade, embora sejam uma forma de produção linguística da modalidade escrita.

Os dados coletados na referida rede social foram extraídos de perfis públicos e estão identificados da seguinte maneira:

TT:BR:2-18:1

TT indica que o dado foi retirado do Twitter; *BR*, o país ao qual se vincula o perfil do usuário que o produziu, e a sequência numérica que segue indica, respectivamente, o mês de coleta e o ano, seguido do número do dado coletado.

2.3 PARÂMETROS DE ANÁLISE

A escolha dos parâmetros de análise foi guiada de modo a atender os princípios teóricos da Gramática Discursivo-Funcional, teoria que embasa este trabalho. Portanto, os critérios buscam verificar, basicamente, a interferência de fatores pragmático-semânticos do plano da formulação na codificação morfossintática e fonológica das estruturas linguísticas analisadas. Dessa forma, são eleitos três critérios, que são aplicados a cada uma das ocorrências levantadas.

2.3.1 Tipo de Camada por Nível

O primeiro critério tem por finalidade verificar a qual camada de cada nível pertence a estrutura *além de* em análise, considerando a hipótese de que as construções podem ser formuladas no Nível Interpessoal ou no Representacional. Dessa forma, no Nível Interpessoal, as partes envolvidas na construção podem corresponder a um Ato Discursivo, a um Conteúdo Comunicado ou a um Subato; e no Nível Representacional, a um Conteúdo Proposicional, a um Episódio, a um Estado-de-Coisas ou a uma Propriedade – Configuracional ou Lexical. No Nível Morfossintático, por sua vez, podem ser representadas por uma Oração, um Sintagma ou uma Palavra; e, no Nível Fonológico, por um Enunciado, uma Frase Entonacional, uma Frase Fonológica ou uma Palavra Fonológica.

2.3.2 Pressuposição

O segundo fator tem por objetivo averiguar o estatuto da informação veiculada na construção *além de* dentro do contexto em que é enunciada. Esse critério parte do princípio de que a porção enunciativa introduzida por *além de* pode ou não trazer uma informação que o falante entende partilhar com o ouvinte. Sendo assim, classifica-se a informação como pressuposta ou não pressuposta, na perspectiva de Givón (1995). Para ele (Givón, 1995, p. 114), uma proposição pressuposta é entendida como verdadeira, seja por definição, seja por concordância prévia, seja por convenções gerais culturalmente partilhadas, por ser óbvia a todos presentes na situação discursiva ou ainda por não ter sido contestada pelo ouvinte. Dessa maneira, parte-se da hipótese de que uma informação pressuposta é diferentemente codificada morfossintática ou fonologicamente.

2.3.3 Posição em relação ao núcleo

O terceiro parâmetro verifica a posição ocupada pela estrutura *além de*, tomando como referência o núcleo da construção que integra. Como já observado, a ordenação de constituintes constitui uma forma de codificação morfossintática, sendo reflexo das intenções comunicativas do falante, seja na formulação interacional, seja na representacional. Assim, para se verificar a posição ocupada pela construção *além de* em relação ao seu núcleo, são consideradas as posições, de acordo com a camada morfossintática referente à construção considerada.

Conforme tratado no primeiro capítulo, a camada da Expressão Linguística contempla três posições, a saber: P^{pré}, P^{centro} e P^{pós}, sendo P^{centro} a posição da Oração e P^{pré} e P^{pós} posições

extraoracionais. As camadas da Oração e do Sintagma, por seu turno, obedecem aos mesmos princípios de ordenação e dispõem das posições P^I , P^M e P^F .

Dessa maneira, esse critério permite situar a porção introduzida por *além de* dentro da camada morfossintática em que ocorre, seja da Expressão Linguística, seja da Oração, seja do Sintagma.

Foram expostos, neste capítulo, os aspectos metodológicos que norteiam a investigação que ora se realiza; segue-se, no próximo capítulo, a exposição dos resultados alcançados.

CAPÍTULO 3

3. ANÁLISE DOS DADOS

O levantamento de dados mostra que há três tipos de construções *além de*, como ilustrado em (1), (2) e (3), a seguir:

- (1) Mas a experiência no Brasil Urgente foi muito importante para eu poder desempenhar o Jornal da Noite de uma forma mais madura. Se eu entrasse direto para o Jornal da Noite, eu não teria a experiência de ter que improvisar todos os dias, de estar muito tempo no ar sem algo totalmente planejado, dependendo apenas do que acontece naquele instante. É o instantâneo, o ao vivo, que me acrescentou muito, e isso eu procuro usar dentro do Jornal da Noite. Como é um dia de trabalho seu no Jornal da Noite? *Além de apresentar o telejornal*, que outras funções você desempenha? Basicamente, eu cuido das matérias especiais e da grande cobertura do dia, isso é algo que toma muito a minha atenção. Com relação a horários, pode-se dizer que a gente é jornalista 24 horas por dia. São 24 horas pensando no telejornal. Fisicamente eu chego só à noite na emissora porque já está tudo discutido, conversado, mas isso varia muito. (19Or:Br:Intrv:Web, Roberto Cabrini)

- (2) Na abertura do ano letivo de Olindina, o jornalista e poeta Sérgio Mattos, editor de A TARDE Municípios, fez uma palestra sobre a Educação e autografou a segunda edição de seu livro de poemas Asas para Amar. A solenidade foi realizada na sede do Fluminense Futebol Clube, sob a presidência do prefeito João Ribeiro. Participaram ainda a secretária de Educação, Rauci Caldas, o juiz Roney Jorge Moreira, a promotora Adriana Brandão, o ex-prefeito Aderbal Caldas, vereadores e outras autoridades da região, *além de cerca de 800 estudantes da rede municipal de ensino*. (19N:Br:Bahia, Jornalista abriu ano letivo no município)

(3) O sistema democrático não se fundamenta apenas nos ritos eleitorais. Ele é inseparável da necessária alternância no poder. O regime democrático ideal - e, evidentemente, impossível - seria aquele no qual todos os cidadãos participassem do poder político e pudessem, em turnos, exercer a suprema magistratura do estado. Talvez por isso mesmo, os antigos limitassem os mandatos executivos ao mínimo, como os romanos, que os fixavam em um ano apenas. Ainda que o chefe de governo fosse o mais idôneo e o mais sábio dos homens, a sua permanência no poder, *para além de seu mandato*, seria a negação da democracia. Há quem faça confusões, e afirme que nos outros países a permanência no poder é ilimitada. Nos regimes parlamentaristas (tampouco imunes ao despotismo) o chefe de governo pode ter a confiança parlamentar sempre renovada, desde que disponha de maioria na Câmara. Mas, da mesma forma, pode perdê-la a qualquer momento. Nos regimes presidencialistas, como o nosso, a única exceção é a dos Estados Unidos, que admitem a reeleição uma só vez. (19Or:Br:Intrv:Tar, Paes de Andrade quer CPI para escândalo)

Trataremos separadamente de cada um desses tipos nas subseções a seguir, subdivididas em: construções interacionais, em que serão tratados os tipos (1) e (3), e construções representacionais, em que serão tratadas as do tipo (2).

3.1 CONSTRUÇÕES INTERACIONAIS

Esse tipo de construção é exemplificado em (4), em que é possível verificar que a estrutura introduzida por *além de* traz uma informação anteriormente dada, que serve como suporte para a apresentação de outra informação que o falante considera comunicativamente mais relevante.

(4) - e você lembra alguma festa na escola?

- esse ano?

- que aconteceu assim de bom?

- lembro sim.

- ham.

- foi maravilhoso.

- ham.

- foi quando a gente combinou com o *professor de matemática*, a gente sempre brinca "ó, vamos num churrasco? vamos numa pizzeria?" e aquele dia realmente a gente combinou sério de ir. até ele falar "ah! mas é hoje que a gente vai?" a gente falar "se você não quiser ir hoje não tem problema." de repente todo mundo se animou. não foi a classe inteira, é lógico, que a gente não combinou com a classe inteira, mas foi o Tabajara, eu e alguns alunos. de repente a hora que a gente estava na pizzeria, eu não me, eu não me lembro, ali perto da, da,

- [...]

- da escola mesmo...

- ah! sei qual que é [...]

- Trattoria acho que é. aí nisso ia passando a Rosires, que é nossa directora, a Eliana, a Maria, não é, que é de inglês, aí a gente chamou todos ele lá dentro, foi maravilhoso. aquilo que era para ser só uma cervejinha que era o combinado acabou assim saindo em pizza, não é, acabou em pizza como fala o ditado realmente. e ficamos ali até meia noite e meia, quer dizer, cada um tinha seu compromisso, seu, a esposa esperando, eu não, é lógico, mas eles tinham e foi muito gostoso porque a partir dali nasceu uma amizade mais gostosa com o professor. *além de ele ser o professor*, ele foi o amigo da gente. então quer dizer muito mais evento desse deveria acontecer, não só com eles em si mas com a família deles, tudo. nós, como eu te falei vira uma família, a escola. então foi gostoso... (Bra93:FestaEstudante)

Na ocorrência (4), o referente *professor de matemática*, já introduzido pelo falante no discurso, é, depois, retomado na construção *além de*. Da mesma maneira, nesse mesmo exemplo, a oração núcleo *ele foi o amigo da gente* também comporta uma informação anteriormente dada, tendo em vista que o falante já havia apontado que *a partir dali nasceu*

uma amizade. Entretanto, mesmo comportando referentes já apresentados, ambas as orações não apresentam o mesmo estatuto comunicativo: a primeira delas traz uma informação que serve de suporte para a segunda, que traz a informação considerada mais relevante. Trata-se, portanto, de uma ação estratégica do falante para alcançar seu objetivo comunicativo. Por ser uma ação linguística proposital, configura uma ação no Nível Interpessoal, em que são formuladas as intenções comunicativas.

A mesma estratégia linguística pode ser observada em (5), em que as informações veiculadas pelas duas orações envolvidas na construção não mantêm uma relação necessária, já que o fato de *jogar de graça* não pressupõe *alimentar os jogadores*. Contribui consideravelmente, no entanto, para a argumentação, tendo em vista que tal discrepância entre as informações apresentadas mostra que, ao escolher expressar primeiramente a informação dada, o falante ressalta aquela que, para ele, tem maior peso argumentativo.

(5) - sabe que eu ainda lhe queria perguntar uma coisa. disse-me que, portanto, que praticou desporto

-> sim senhora.

- durante anos, não foi?

-> sim.

- eh, nessa altura, o desporto era encarado de uma maneira muito diferente

-> era encara[...]

- relativamente, não é,

-> não ganhávamos nada.

- não se ganhava nada.

-> jogávamos de graça e tínhamos isto: não havia iluminação nos estádios, como há agora

- hum, hum.

-> íamos treinar sem relva, e como trabalhávamos, às sete e meia da manhã estávamos equipados no campo. no Verão, ainda é fácil

- claro!

-> mas no Inverno, com aquelas camadas de neve e, como vinha a lama, e depois vinha a neve, nós a andar parecíamos que estávamos a andar em cima de cascalho. ficava vidrado. custava muito. mas tínhamos amor à camisola.

- pois. era verdadeiro

-> mas era isto mesmo.

- espírito desportivo, não é,

-> é. conheci grandes treinadores, Roberto Kell, que foi o famoso treinador dos violinos do Sporting, o doutor Eduardo Lemos, foi jogador da Académica, Cesário, que por acaso também no fim da vida dele, depois de abandonar mas que a gente de Famalicão nunca o abandonou, foi um treinador que f[...], esteve, esteve rico, mas dava tudo. e na hora que ele precisava nunca foi abandonado. e nós, os amigos de Famalicão, pusemo-lo aqui, quase de graça, vá, que ele tinha uma reformazita pequena, e depois conseguimos-lhe um lugar no lar. e foi lá onde ele faleceu. hoje tem, no cemitério, que é aqui em Santiago de Antas, que é esta freguesia, e ele está lá com um jazigo digno

- hum.

-> de, daquilo que ele foi.

- sim senhor. portanto, era o verdadeiro espírito desportivo nessa altura!

-> foi des[...], desportivo. quantas vezes, que, aquilo havia muita falta de dinheiro. iam os jogadores, claro que tivémos que ter um, jogadores, já naquela altura começou-se a fazer contratos, de argentinos, de espanhóis,

- hum, hum.

-> mas, jogadores baratos. mas chegava-se ali perto do Natal, já não havia dinheiro para lhes pagar. e então como nós tínhamos um restaurante, fome eles nunca passaram. porque nós dávamos sempre de comer.

- hum, hum, hum.

-> além de jogarmos de graça, ainda alimentávamos os jogadores.

- hum.

-> porque havia, havia muito gosto, muito, havia muita amizade, muito, eles nunca foram abandonados. e mesmo depois de irem embora, tinham sempre dinheiro, nunca ficaram ao abandono(PT97:DesportoDinheiro)

Conforme já apontado, nesse nível, a camada mais alta é o Movimento, considerado a maior unidade relevante para a análise gramatical que se caracteriza por constituir uma contribuição autônoma para o desenvolvimento da interação. O núcleo de cada Movimento pode ser composto de um ou mais Atos Discursivos, ou seja, as menores unidades linguísticas identificáveis do comportamento comunicativo. A construção *além de ele ser o professor, ele foi o amigo da gente*, exemplificada em (4), corresponde a dois Atos Discursivos que formam, juntos, um Movimento, em que um dos atos resgata uma informação anteriormente dada no contexto discursivo e, assim, ressalta a informação considerada a mais importante pelo falante contida no outro ato. O mesmo se pode dizer de (5), em que o Movimento é constituído pelos Atos Discursivos *além de jogarmos de graça e ainda alimentávamos os jogadores*.

O relacionamento entre os Atos dentro de um Movimento pode ser de equipolência ou de dependência. Nas relações de equipolência, o falante atribui aos Atos Discursivos o mesmo estatuto discursivo; por outro lado, nas relações de dependência, os Atos apresentam estatuto comunicativo distinto e, portanto, um Ato é considerado nuclear e o outro, subsidiário. Nas ocorrências (4) e (5), por servirem de suporte, os Atos *além de ser o professor* e *além de jogarmos de graça* constituem o Ato Subsidiário, enquanto *ele foi o amigo da gente* e *ainda alimentávamos os jogadores*, que veiculam a informação mais relevante do ponto de vista do falante, são Atos Nucleares.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que a força argumentativa da informação apresentada no Ato Nuclear se constrói a partir do apoio em outra informação anteriormente apresentada na construção *além de*, que constitui o Ato Subsidiário. Essa relação entre o Ato Nuclear e o Subsidiário não instaura uma simples adição de eventos semanticamente distintos,

mas principalmente estabelece, entre tais eventos, uma relação de dependência no plano pragmático, portanto, da interação entre Falante e Ouvinte. Ao selecionar, no Nível Interpessoal, qual informação deseja veicular por meio desse tipo de estrutura, o falante atribui aos Atos estatutos comunicativos distintos e, assim, instaura uma hierarquia entre essas unidades. Esse tipo de estratégia argumentativa proposital do falante para atingir seu objetivo comunicativo corresponde ao que a GDF denomina Função Retórica.

A Retórica está fundamentalmente relacionada às propriedades formais de enunciados que influenciam o destinatário a aceitar os propósitos do falante e aos modos pelos quais ele ordena os componentes de um discurso para a realização de sua estratégia comunicativa. Os aspectos de unidades linguísticas que refletem a estruturação global do discurso são considerados Funções Retóricas que se aplicam a Atos Discursivos, uma das camadas do Nível Interpessoal. É exatamente isso que acontece na relação de dependência aqui tratada, por essa razão, entende-se que não há uma adição, mas sim o realce de uma informação considerada pelo falante como mais importante.

A essa relação denominamos Função Retórica **Suporte**, que propomos seja considerada juntamente com as outras Funções Retóricas previstas na GDF, Orientação, Correção, Motivação, Concessão e Aposição, já tratadas anteriormente. Vejamos, então, as propriedades dessa função.

O estatuto de Atos Discursivos de cada uma das unidades envolvidas na construção com *além de* é comprovado pela possibilidade de apresentarem ilocuições diferentes, como mostram (4A) e (4B), em que é possível atribuir às unidades forças ilocucionárias distintas, ficando o Ato Subsidiário sempre com ilocução declarativa, e o Nuclear com ilocução interrogativa ou exclamativa:

(4A) além de ele ser o professor, ele foi o amigo da gente?

(4B) além de ele ser o professor, ele foi o amigo da gente!

Além disso, na condição de Atos Discursivos, essas unidades podem ainda ser restringidas por modificadores específicos dessa camada, tais como os de sequenciação e exemplificação, como se nota pela modificação que (6) sofre em (6A) e (6B), em que o Ato Subsidiário e o Nuclear são, respectivamente, restringidos pelos modificadores *primeiramente* e *por exemplo*:

(6) todos estes homens trabalharam na cartografia, com aspectos diferentes, porque *além da classificação e do estudo dos cartógrafos* que elaboraram essa, ah, da vida desses cartógrafos, a biografia desses cartógrafos que elaboraram tais cartas, *há que saber também como é que as faziam*(..)
(PT89:CartografiaPortuguesa)

(6A) *Primeiramente*, além da classificação e do estudo dos cartógrafos, há que saber também como é que as faziam, *por exemplo*.

(6B) além da classificação e do estudo dos cartógrafos, há que saber também como é que as faziam, *por exemplo*.

Esses Atos podem ser restringidos também por marcadores de ênfase, como os termos *caramba* e *pô* em (6C) e (6D):

(6C) Além da classificação e do estudo dos cartógrafos, *caramba*, há que saber também como é que as fazia.

(6D) Além da classificação e do estudo dos cartógrafos, há que saber também como é que as faziam, *pô*.

No Nível Representacional, o Ato Nuclear é representado como um Conteúdo Proposicional, e o Subsidiário, como um Estado-de-Coisas. Conteúdos Proposicionais, como já observado, são construtos mentais, que podem ser avaliados em termos de sua verdade, mas que, por outro lado, não podem ser localizados nem no tempo, nem no espaço. Dada sua natureza, Conteúdos Proposicionais podem ser avaliados em termos de atitudes proposicionais, tais como dúvida, certeza, descrença, etc., o que pode ser observado pela possibilidade de se restringirem tais Conteúdos por meio de modificadores que indicam uma avaliação do falante, como faz o modificador *com certeza*, conforme mostra (4C):

(4C) Além de ele ser o professor, ele foi o amigo da gente, *com certeza*.

Em (4C), fica evidente que a avaliação do falante recai sobre o fato de o professor ser amigo, expresso na oração núcleo, que representa, por sua vez, a crença do falante de que um professor que participa das confraternizações com seus alunos pode ser considerado amigo da turma.

De acordo com a GDF, o Conteúdo Proposicional, por meio do qual o Ato Nuclear é codificado no Nível Representacional, é formado por um Episódio. A camada do Episódio pode ser constituída de um ou mais Estados-de-Coisas que apresenta(m) continuidade em termos de Tempo, Locação e Indivíduo e, ao contrário da camada do Estado-de-Coisas, que pode ser localizada no tempo relativo, pode apenas ser localizada no tempo absoluto.

Outra distinção relevante entre as camadas do Episódio e do Estado-de-Coisas envolve, primordialmente, aspectos relacionados à (não) finitude dos eventos. Como se verifica, o evento codificado na camada do Conteúdo Proposicional – *ele foi o amigo da gente* – é localizado no tempo passado – especificamente, pretérito perfeito – por meio do operador

de tempo absoluto *Pass*, inserido na camada do Episódio que compõe esse Conteúdo Proposicional. Dessa maneira, uma vez que Conteúdos Proposicionais não se submetem à localização temporal, é na camada do Episódio que se marca o tempo do evento. Isso pode ser visto como uma comprovação não só da existência da camada do Episódio, como também de sua relevância para línguas como o português, o que tem sido questionado por alguns estudiosos.

Já o evento representado pelo Ato Subsidiário – *além de ele ser o professor* – é um Estado-de-Coisas, ou seja, unidades que podem ser localizadas no tempo relativo, avaliadas em termos de sua realidade, ser ditas “(não) ocorrer”, “(não) acontecer” ou “(não) ser o caso”. Na construção em questão, esse Estado-de-Coisas não se encontra situado no tempo, tendo em vista que é expresso por um verbo não finito, sendo, portanto, atemporal: “ser professor” caracteriza-se como uma atividade cuja existência não está vinculada a um tempo.

Dessa maneira, entende-se que as questões relacionadas à finitude, representada pela localização temporal do evento, e à não finitude são fundamentais à distinção entre as camadas do Nível Representacional, uma vez que apenas a camada do Episódio comporta a localização temporal, responsável por situar o evento no tempo absoluto, o que é fundamental em línguas como o português, em que o tempo é primordialmente marcado no verbo e, em segunda instância, pelo advérbio, no caso de orações com verbos na forma não finita.

Tendo em vista a hierarquia do modelo teórico e, portanto, o fato de que uma camada mais alta comporta as camadas mais baixas, nas construções *além de*, o núcleo do Estado-de-Coisas será sempre um esquema de predicação, ou seja, um núcleo de cunho configuracional, o que significa afirmar que a construção *além de* corresponde, portanto, a uma Propriedade Configuracional, constituída de um predicado, representado pela palavra *além*, que estabelece uma relação com seu argumento por meio da preposição *de*.

No Nível Morfossintático, os Atos Subsidiário e Nuclear constituem, juntos, a camada mais alta desse nível, a da Expressão Linguística. Conforme já apontado, essa camada refere-se a qualquer conjunto em que ao menos uma unidade pode ser utilizada de forma independente; quando uma Expressão Linguística for formada por mais de uma unidade, elas pertencerão morfossintaticamente uma a outra, embora uma não seja parte da outra. Dessa maneira, a relação entre os constituintes que ocorrem nessa camada é definida em função do tipo de dependência existente entre eles.

As ocorrências aqui analisadas mostram que as construções objeto deste estudo são codificadas na forma de uma Expressão Linguística em que há uma dependência unilateral, uma vez que apenas uma das unidades pode ser usada independentemente. Esse tipo de relação pode ocorrer entre duas Orações, como mostra (4), ou entre um Sintagma e uma Oração, como mostra (6), ambas repetidas por conveniência:

(4) *além de ele ser o professor*, ele foi o amigo da gente. (Bra93:FestaEstudante)

(6) porque *além da classificação e do estudo dos cartógrafos* que elaboraram essa, ah, da vida desses cartógrafos, a biografia desses cartógrafos que elaboraram tais cartas, *há que saber também como é que as faziam*. (PT89:CartografiaPortuguesa)

Como se pode observar, a oração *além de ele ser o professor* não pode ocorrer sozinha, embora não seja um constituinte da oração *ele foi o amigo da gente*, que, por sua vez, é autônoma. Nesse caso, morfossintaticamente, estabelece-se entre os pares constituintes da Expressão Linguística uma relação de Cossubordinação, já que ocorre entre orações.

Da mesma maneira, em (6) não se estabelece uma relação de mútua dependência entre o Sintagma *além da classificação e do estudo dos cartógrafos* e a Oração *há que saber também como é que as faziam*, uma vez que esta pode ocorrer independentemente daquele.

Essa relação que evidencia a dependência de apenas um constituinte, quando ocorre entre um Sintagma e uma Oração, configura o fenômeno da Extraoracionalidade.

Independentemente de sua codificação morfossintática – como sintagma ou oração –, a construção *além de* em questão tem a Função Retórica Suporte e, portanto, mantém suas propriedades interpessoais e representacionais, ou seja, tem o estatuto de Ato Subsidiário, no Nível Interpessoal, e de Estado-de-Coisas no Nível Representacional. Essa propriedade é refletida no Nível Morfossintático por meio da ordenação linear da Expressão linguística: o Ato Discursivo Subsidiário com a Função Retórica Suporte será sempre codificado na posição anterior ao Ato Nuclear, que comporta a informação considerada mais relevante, obedecendo assim ao Princípio de Iconicidade. Em outras palavras, ocupará sempre a posição $P^{pré}$ da Expressão Linguística, como a seguir representado. Essa é uma importante propriedade desse tipo de estrutura, já que a diferencia do outro tipo aqui tratado, como veremos adiante.

Quadro 7 – Ordenação linear da construção *além de* interpessoal na Expressão Linguística

$P^{pré}$	P^{centro}
Suporte	Oração
além de ele ser o professor	ele foi o amigo da gente
além da classificação e do estudo dos cartógrafos que elaboraram essa, ah, da vida desses cartógrafos [...]	há que saber também como é que as faziam

Fonte: elaboração própria (2018).

No Nível Fonológico, os dois Atos Discursivos que compõem a construção são codificados como um Enunciado Fonológico que, por sua vez, comporta duas Frases Entonacionais, sendo cada uma delas caracterizada por um núcleo, ou seja, um ponto tonal localizado em uma ou mais sílabas, essencial para a sua interpretação como um todo. A

separação entre essas Frases se dá por meio de pausas, neste caso, menores do que as que distinguem Enunciados.

Nessa perspectiva, pode-se caracterizar a estrutura com Função Retórica Suporte da seguinte maneira: é atribuída a um Ato Discursivo Subsidiário, que traz sempre uma informação dada, e, no Nível Representacional, corresponde a um Estado-de-Coisas constituído de um predicado monovalente, representado por *além* e seu argumento. Morfossintaticamente pode ser estruturado em forma de uma oração ou de um sintagma, que obrigatoriamente se posiciona antes da oração núcleo, e fonologicamente constitui um Enunciado.

Os dados mostram que as construções *além de* podem também ser introduzidas pela preposição *para*, como em (7):

(7) A transcrição ortográfica dos textos orais pode ser lida em simultâneo com a audição da gravação: uma faixa luminosa vai acompanhando, sobre o texto escrito, a voz dos falantes. O utilizador pode ouvir todo o documento ou seleccionar excertos e pode também avançar ou retroceder no texto sempre que o desejar.

A transcrição ortográfica, *para além de facilitar a compreensão do oral*, constitui uma base consistente para o estudo dos aspectos morfofonológicos, lexicais, sintácticos e discursivos do português falado contemporâneo. (Introdução do cópús)

A ocorrência mostra que esse tipo de estrutura, assim como os casos anteriores, apresenta uma informação já dada que serve de apoio para o conteúdo informacional que o segue. Trata-se também de uma estratégia comunicativa do falante para destacar a informação seguinte, fortalecendo-a, o que a caracteriza como tendo a Função Retórica Suporte.

Como já demonstrado, funções retóricas só podem ser aplicadas a Atos Discursivos. A possibilidade de se aplicar força ilocucinária distinta a cada unidade que compõe a ocorrência (7), conforme (7A), mostra que, de fato, há um sequenciamento de dois Atos Discursivos, um interrogativo expresso por *A transcrição ortográfica constitui uma base consistente para o estudo dos aspectos morfofonológicos, lexicais, sintáticos e discursivos do português falado contemporâneo?* e outro declarativo representado por *para além de facilitar a compreensão do oral*.

(7A) *A transcrição ortográfica, para além de facilitar a compreensão do oral*, constitui uma base consistente para o estudo dos aspectos morfofonológicos, lexicais, sintáticos e discursivos do português falado contemporâneo?

No Nível Interpessoal, o conjunto das unidades que compõem a estrutura exemplificada em (7) corresponde a um Movimento que, por sua vez, pode ser formado por um ou mais Atos discursivos. No caso ilustrado, os Atos do Movimento estabelecem entre si uma relação de dependência, uma vez que *para além de facilitar a compreensão do oral* apresenta uma informação que serve de apoio para o Ato *a transcrição constitui uma base consistente para o estudo dos aspectos morfofonológicos, lexicais, sintáticos e discursivos do português falado contemporâneo*. Há, portanto, um Ato nuclear, que apresenta o conteúdo que o falante julga ser de maior relevância, e um subsidiário.

Como Atos, essas unidades podem também ser restringidas por modificadores específicos dessa camada, tais como os modificadores de conclusão e exemplificação, como se observa em (7B) e (7C):

(7B) *Portanto*, a transcrição ortográfica constitui uma base consistente para o estudo dos aspectos morfofonológicos, lexicais, sintáticos e discursivos do português falado contemporâneo.

(7C) para além de facilitar a compreensão do oral, *por exemplo*.

No Nível Representacional, assim como com as construções *além de* interpessoais, cada um desses Atos é codificado como uma camada distinta, sendo o Ato Nuclear um Conteúdo Proposicional, e o Subsidiário, um Estado-de-Coisas. Isso pode ser verificado em (7D), em que o modificador *com certeza* expressa uma avaliação positiva sobre o que o falante declara em relação à atividade de transcrição ortográfica:

(7D) *Com certeza*, a transcrição ortográfica constitui uma base consistente para o estudo dos aspectos morfofonológicos, lexicais, sintáticos e discursivos do português falado contemporâneo.

Esse Conteúdo Proposicional, por sua vez, é formado por um Episódio, o que se evidencia pela possibilidade de se marcar o tempo absoluto no verbo, por meio de um operador temporal.

A estrutura *para além de*, por outro lado, corresponde a um Estado-de-Coisas, que é organizado em propriedade, indivíduo, lugar, tempo, modo, quantidade e razão, resultando numa Propriedade Configuracional.

Nesse caso, a Propriedade Configuracional *além de facilitar a compreensão do oral* é constituída pelo predicado *além*, cujo argumento tem como núcleo um Estado-de-Coisas, com uma Propriedade Configuracional, constituída pela Propriedade *facilitar* e por seu argumento (*a compreensão do oral*). Desse modo, pode ser restringida por modificadores que introduzem outros participantes no Estado-de-Coisas, que estão cognitivamente presentes no Conteúdo Comunicado, como Beneficiário, conforme mostra (7E):

(7E) Para além de facilitar a compreensão do oral *para o aprendiz*,

Como já salientado, o que caracteriza essa construção é a preposição *para* introduzindo a expressão *além de*. Sabe-se que o advérbio *além* significa “da parte de lá”, “para o lado de lá”, “acolá”, “mais à frente”, “mais adiante” (HOUAISS, 2009). Segundo Kewitz (2007, p. 196), “a preposição *para* sempre apresenta seu sentido de base, direção e ponto final do percurso traçado, entretanto, há casos em que é possível observar que, além de marcar o ponto final do percurso, *para* fornece pistas de outros pontos desse percurso, como o ponto de partida, por exemplo”. Como se vê, tanto *além* quanto *para* indicam a Função Semântica Alativa.

Isso indica que as construções *para além* apresentam a função alativa pleonasticamente, uma vez que a preposição é utilizada para reforçar esse valor de *além*. Pode-se, então, levantar a hipótese de que o valor alativo de *além* está se enfraquecendo e, por isso, o falante sente a necessidade de reforçá-lo por meio da preposição *para*.

Em uma breve varredura no corpus diacrônico do Projeto História do Português Paulista¹⁵, em textos do século XVII ao XIX, não foi detectada nenhuma ocorrência dessa construção, o que indica tratar-se de uma construção recente do português.

Morfossintaticamente, a oração estruturada com *para além de* forma com a oração nuclear uma Expressão Linguística, em que se instaura uma dependência unilateral, sendo a oração *para além de facilitar a compreensão oral* a unidade dependente. Trata-se, portanto, de Cossubordinação.

Há, no entanto, casos em que a construção com *para além* toma como argumento um termo não oracional, conforme mostra (8). Nesses casos, os termos envolvidos são uma oração, *essas estruturas tinham também, eh, tinham que distribuir alimentos, vestuários, colchões, 'etc's', para essas pessoas*, e um sintagma, *para além do evacuamento das pessoas, eh, para as zonas baixas*. São casos, portanto, de Extraoracionalidade.

¹⁵ Disponível em <http://phpp.fllch.usp.br/corpus>.

(8) e, essas estruturas, *para além do evacuamento das pessoas, eh, para as zonas baixas*, eh, tinham também, eh, tinham que distribuir alimentos, vestuários, colchões, 'etc's', para essas pessoas. (CV95:IlhaFogo)

Um dado importante a destacar é que as construções *para além de*, sejam sintagmáticas (Extraoracionalidade), sejam oracionais (Cossubordinação), apresentam-se, nos dados analisados, sempre dentro dos limites da oração núcleo, o que parece violar o Princípio de Integridade de Domínio. Em (8), como se nota, o sintagma constituído por *para além de o evacuamento de pessoas para as zonas baixas* posiciona-se entre o sujeito *essas estruturas* e o verbo *tinham*.

Embora os casos analisados no corpus Português Oral tenham limitado esse fenómeno às construções introduzidas por *para*, é possível observar, em outras amostras, que sintagmas e orações que não são introduzidos pela preposição também podem intercalar-se entre os termos da oração núcleo, a exemplo de (9), em que o sintagma *além de feia* posiciona-se entre o sujeito *a filha* e o verbo *regula*:

(9) Assistindo ao descalabro, Paulo Bento afobou-se – aquela mulher nua na luz clara da ma-nhã, já tomara por esposa, só faltava um escravo, algum homem de Batéia, passar ali, de repente, e assuntá-la sem roupa, ele desmoralizado pela senhora demente: - Diacho de português, esqueceu de me avisar que a filha, *além de feia*, não regula da cachola. – Permaneceu meio tonto, resmungando o impensado pelo susto melindroso, quando Sofia, despida, avisou estar descendo: - Não adianta adiar o momento, faz parte do casamento. Mas se sou uma rameira de apreciar a coisa, como tu mesmo dissesstes, vou sê-la completamente. Vem, escolhe o caminho e seja o que Deus quiser. (Onde Andará Dulce Veiga?, Caio Fernando Abreu)

Semelhantemente, em (10), a oração *além de temer defuntos* também se posiciona após o sujeito *O cabo Angimestro Saraiva* e seu respectivo predicado:

(10) Não houve dinheiro para mandar o filho do palhaço a um outro hospital, em Vassouras. Giovani morreu, à noite, Gargalhada tomou uma bebedeira e deixou que Amapola cuidasse do funeral. Arranca preferiu fugir do problema, foi tratar de um assunto inadiável em Barra do Piraí, Amapola tentou uma coleta entre os integrantes da trupe, queria comprar o pequeno caixão para o seu único amigo. Não havia funerárias em Rodeio. O cabo Angimestro Saraiva, *além de temer defuntos*, por extensão também temia funerárias, que lembravam defuntos. Duas ou três tentativas de forasteiros se estabelecerem no ramo foram desestimuladas por Saraiva, que concentrava furor todo especial nos desavisados que tentassem a carreira de papa-defunto em Rodeio. (O Piano e a Orquestra, Carlos Heitor Cony)

Esse tipo de ruptura da organização morfossintática, a de alocar uma unidade linguística em uma posição que não lhe é convencional, é tratado normalmente como descontinuidade sintática. Para tanto, considera-se oportuno recuperar a argumentação de García Velasco (2017), já discutida no capítulo teórico.

Entendendo que a descontinuidade pressupõe a desestruturação de um constituinte na estrutura morfossintática, García Velasco (2017) defende que é necessário que o conceito de constituinte, que pode variar em função da diretriz teórica adotada, esteja bastante claro ao analista. Assim, em um modelo descendente, que visa a refletir a prioridade de fatores de ordem pragmática e semântica na construção de enunciados, é crucial atentar à interface entre os níveis.

García Velasco (2017), com base nos pressupostos elencados por Huck e Ojeda (1987), elenca três critérios fundamentais para se identificar constituintes descontínuos: interpretação semântica constante, dependência sintática e unidade semântica. Para abordar a

descontinuidade sintática, a Gramática Discursivo-Funcional alicerça-se no princípio da unidade semântica, entendendo, dessa maneira, que as unidades não contínuas não formam um constituinte, mas podem, por outro lado, corresponder a uma unidade semântica (HUCK; OJEDA, 1987, p. 5, *apud* GARCÍA VELASCO, 2017).

Segundo Contreras-García (2012, *apud* GARCÍA VELASCO, 2017), uma desconexão surge se o mesmo elemento linguístico se representa em vários níveis a fim de produzir uma relação não isomórfica. Entretanto, há que se levar em consideração os três princípios que, primeiramente, anteparariam a discrepância entre os níveis: Iconicidade, Estabilidade Funcional e Integridade de Domínio. Para esta breve análise, interessa-nos o último deles.

Como também já afirmado, o Princípio da Integridade de Domínio pressupõe que os constituintes de um domínio preferem não ser interrompidos por constituintes de outros domínios. Dessa forma, há uma preferência nas línguas para que as unidades que se combinam nos níveis Interpessoal e Representacional apareçam juntas no nível Morfossintático. Isso significa dizer que, idealmente, um modificador deve sempre aparecer próximo de seu núcleo. Esse princípio, entretanto, tem sido violado devido a estratégias comunicativas que se impõem, como o fenômeno da parentetização.

Segundo García Velasco (2017), uma construção parentética consiste em uma estrutura digressiva que, mesmo estando inserida no meio de outra estrutura, pode ser omitida sem que se afete o sentido ou a gramaticalidade dessa construção. Jubran (2006) defende que as inserções parentéticas correspondem a desvios do tópico discursivo. Dessa maneira, acrescentam uma informação paralela acerca do conteúdo do tópico discursivo, sobre a expressão linguística desse tópico ou, ainda, a respeito do contexto comunicativo. Nos termos da autora, embora as inserções parentéticas possam parecer desviantes em relação ao tópico discursivo, estão vinculadas a ele, tendo em vista que trazem uma informação considerada essencial pelo falante para se compreender o assunto. Dessa maneira, é possível afirmar que a

utilização de uma estrutura parentética caracteriza uma estratégia capaz de romper com a linearidade de um constituinte e, portanto, instaura um processo de descontinuidade sintática.

Nas construções *para além de*, pode-se facilmente perceber o fenômeno da descontinuidade. Como já mencionado no exemplo (8), aqui repetido por conveniência, nota-se que a construção *para além do evacuamento das pessoas para as zonas baixas* está alocada entre o sujeito e o verbo, rompendo, portanto, a integridade da Oração:

(8) e, essas estruturas, *para além do evacuamento das pessoas, eh, para as zonas baixas, eh*, tinham também, eh, tinham que distribuir alimentos, vestuários, colchões, 'etc's', para essas pessoas. (CV95:IlhaFogo)

É evidente, ao se observar o exemplo acima, que a retirada da construção em destaque em nada afeta a gramaticalidade da oração em que se insere. Como ressalta Jubran (2006), essa estrutura é utilizada para trazer à tona uma informação que o falante considera relevante, o que está de acordo com as considerações de García Velasco (2017), de que, ao romper com o Princípio da Integridade de Domínio, o que prevalece é a ênfase pragmática que se deseja atribuir a determinado constituinte.

De fato, para a GDF, estruturas como (7), (8), (9) e (10) são interpretadas como contendo dois Atos Discursivos subsidiários, cada qual com uma Função Retórica. Assim o sintagma *a transcrição ortográfica* não é um sujeito deslocado, mas um Ato discursivo com a função Orientação, uma vez que informa o Ouvinte a respeito da entidade que será tratada no Ato nuclear. O sujeito da oração é, na verdade, uma anáfora zero que retoma o referente *transcrição ortográfica*. A oração *para além de facilitar a compreensão do oral* é outro Ato discursivo com a função Suporte. Em termos de ordenação, é o que segue.

Quadro 8 – Ordenação de *(para) além de* com função Suporte

	p_{pré}	p_{pré+1}	p_{centro}
	Orientação	Suporte	Oração
(7)	a transcrição ortográfica	para além de facilitar a compreensão do oral	constitui uma base consistente para o estudo dos aspectos morfofonológicos, lexicais, sintáticos e discursivos do português falado contemporâneo
(8)	essas estruturas,	para além do evacuamento das pessoas, eh, para as zonas baixas,	eh, tinham também, eh, tinham que distribuir alimentos, vestuários, colchões, 'etc's', para essas pessoas
(9)	a filha	além de feia	não regula da cachola
(10)	o cabo Angimestro Saraiva	além de temer defuntos	por extensão também temia funerárias

Fonte: Elaboração própria (2018).

No Nível Fonológico, por constituírem Atos Discursivos, as unidades envolvidas nesse tipo de construção são fonologicamente codificadas como Frases Entonacionais, com fronteiras prosódicas bem definidas – principalmente pelas pausas e pelo rebaixamento de tessitura –, o que, evidentemente, ocorre pelo fato de tal construção tratar-se de uma estrutura parentética, como já argumentado. Assim, em uma estrutura como a representada no quadro anterior, por comportar três Atos Discursivos – Orientação, Suporte e Ato Nuclear –, comporta, paralelamente, três Frases Entonacionais.

Com base nessas considerações, é possível afirmar que as construções com *para além* de, nos casos ilustrados até o momento, bem como aquelas introduzidas sem a preposição, apontadas em (9) e (10), caracterizam-se morfossintaticamente por se posicionarem dentro de um domínio, quebrando a adjacência entre seus constituintes. Seu uso, no entanto, indica tratar-se de uma estratégia argumentativa do Falante na construção global do discurso, que consiste em retomar uma informação dada, que servirá de suporte para outra informação, que o falante considera mais relevante. Em outras palavras, trata-se de um Ato discursivo com a Função Retórica Suporte.

Desse modo, pode-se, assim, assumir que, no Nível Interpessoal, esse tipo de estrutura descontínua é um Ato Discursivo Subsidiário, que traz sempre uma informação dada, e terá a Função Retórica Suporte; no Representacional, por sua vez, corresponde a um Estado-de-Coisas, constituído de um predicado monovalente, representado por *além*, mas, em alguns casos, antecedido pela preposição *para*, o que reforça o valor alativo da expressão. Morfossintaticamente pode ser estruturada em forma de uma oração ou de um sintagma, que se interpõe entre constituintes de um domínio, violando o Princípio de Integridade de Domínio. Fonologicamente constitui um Enunciado.

3.2 CONSTRUÇÕES REPRESENTACIONAIS

Na ocorrência (11) é possível verificar que, diferentemente do que acontece com as construções tratadas anteriormente, a construção representacional não tem nenhum propósito argumentativo, tendo em vista que não se deseja convencer o interlocutor ou apresentar qualquer conteúdo que tenha alguma contribuição para a estruturação global do discurso. Pelo contrário, a estrutura *além das vinte e quatro horas* apresenta um aspecto relevante em termos semânticos para o que se deseja significar, ou seja, que o tempo de que dispõe não é suficiente

para realizar seus afazeres. É, portanto, uma relação que se estabelece no Nível Representacional.

(11) -> eh, pois. primeiro são importados, eh, e depois fazemos feiras a nível, no Porto e em Lisboa, apresentamos os produtos aos nossos clientes. clientes - só lojas.

- ah!...

-> que revendemos... para as lojas.

- para as lojas. portanto não é uma coisa de, de venda directa ao público?

-> não, e depois eu tenho as minhas lojas onde vendo directamente ao público.

- sim, já estou a perceber. portanto isso acaba por ocupar o, de facto o...

-> ocupa.

- uma parte do ano.

-> precisava de mais... umas horinhas *além das vinte e quatro horas*.

- e portan[...]

-> por vezes.

- hum, hum. e agora, eh, po[...], eh, eh, disse-me que importava coisas, não é,

-> hum, hum. não sou eu que importo directamente.

- não?

-> eu trabalho para uma pessoa que importa

- que importa

-> os artigos. (PT95:SaberVender)

As ocorrências (12), (13) e (14), extraídas da internet, confirmam tratar-se de uma relação semântica, e não interpessoal. Vejamos:

(12) Não acredito que possa haver muito brasileiro favorável ao auxílio-moradia, *além dos próprios juízes*. Como sempre no Brasil, as pessoas atuam na base do espírito de corpo. Pergunto: por

que tanta gente que foi governo e poderia ter mexido nisso há anos, mostra-se agora indignada?
(TTBR:6:2-18)

(13) e aí tá fazendo oq *além de me iludindo* (TTBR:4:2-18)

(14) “... e da Andreia tmb, grande miúda, super fixe e querida, *além de linda de morrer*. Aqueles dias na QP com ela foram inesquecíveis” Tantos caracteres e esqueceste te da pessoa mais importante :/ (TTPT:10:2-18)

Em todos os casos, é possível observar que as construções com *além de* veiculam sempre uma informação considerada pelo falante como inquestionável, ou seja, pressuposta, nos termos de Givón (1995).

Segundo o autor (Givón, 1995, p. 114), uma proposição pressuposta é aquela assumida como verdadeira, seja por definição, por concordância prévia, por convenções gerais culturalmente partilhadas, por ser óbvia a todos os presentes na situação discursiva ou ainda por ter sido enunciada e não ter sido contestada pelo ouvinte.

Na ocorrência (12), o falante toma como verdade o fato de que só os juízes são favoráveis ao auxílio-moradia. Essa pressuposição baseia-se nos últimos acontecimentos políticos do país, que mostram que os magistrados brasileiros – com especial destaque ao juiz Sérgio Moro – podem desfrutar do benefício auxílio-moradia. Diante da declaração de Moro, que argumenta receber o benefício em função de déficits na reposição salarial, o falante pressupõe que, no Brasil, os juízes mostram-se favoráveis ao auxílio-moradia, mas a maioria da população brasileira não, dadas as manifestações de indignação por parte de muitos cidadãos.

Ao caracterizar a pressuposição, Ducrot (1968, p. 40, *apud* Ducrot, 1987, p. 20) argumenta que o pressuposto é apresentado como uma evidência, como um quadro

incontestável dentro do qual a conversação deve, necessariamente, inscrever-se, ou seja, como um elemento do universo do discurso. Assim, ao se introduzir uma informação como pressuposta, procede-se como se falante e ouvinte não pudessem deixar de aceitá-la. O pressuposto seria, portanto – ao contrário do subentendido que fica a cargo da interpretação do interlocutor –, aquilo que se apresenta como domínio comum das duas personagens do diálogo, como objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato de comunicação. O subentendido ocorre, pois, em momento posterior à enunciação e depende da interpretação do ouvinte; enquanto o pressuposto, mesmo que nunca tenha sido introduzido anteriormente ao ato de enunciação, baseia-se no conhecimento de mundo prévio dos interlocutores, mesmo que fictício. É o que se nota nos casos (13) e (14), repetidos por conveniência:

(13) e aí tá fazendo oq *além de me iludindo* (TTBR:4:2-18)

(14) “... e da Andreia tmb, grande miúda, super fixe e querida, *além de linda de morrer*. Aqueles dias na QP com ela foram inesquecíveis” Tantos caracteres e esqueceste te da pessoa mais importante :/ (TTPT:10:2-18)

Em (13), a estrutura *além de me iludindo* apresenta uma informação considerada pelo falante verdadeira e inquestionável, já que mostra como certo o fato de que está sendo iludido. O mesmo ocorre em (14), em que o falante aponta como inquestionável a beleza exuberante de Andreia, não oferecendo espaço para uma eventual interpretação, ou mesmo questionamento, por parte do ouvinte.

Como se pode notar pela análise das ocorrências, trata-se de uma relação que diz respeito ao modo como a linguagem se relaciona com o mundo extralinguístico, ou seja, que descreve uma relação semântica. Além disso, ocorrências como (15) e (16) mostram que as

estruturas *para além de proteger do frio* e *além de Lisboa* não constituem, no Nível Interpessoal, um Ato Discursivo independente, já que estão sob o escopo da ilocução do Ato Discursivo do qual fazem parte, respectivamente ilocução exclamativa e ilocução interrogativa.

(15) É verdade, caro BdC, mas tratem de levar a AG para outros locais *além de Lisboa*! (TTPT:7:2-18)

(16) Qual a utilidade prática de um casaco sem bolsos (*para além de proteger do frio*)? (TTPT:15:2-18)

Na verdade, a construção *além de* restringe a informação dada anteriormente, que compõe, numa relação núcleo-modificador, o núcleo do molde de predicação. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), relações dessa natureza ocorrem entre dois membros de um par, em que o elemento morfossintaticamente marcado é o modificador. Em outras palavras, nesse tipo de construção, a estrutura com *além de* restringe o núcleo, indicando a convicção de um dos participantes perante o evento comunicado.

Estamos, portanto, tratando de um modificador de Conteúdo Proposicional, já que se relaciona à especificação de atitudes proposicionais. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 151), modificadores de Conteúdo Proposicional estão relacionados ao grau de comprometimento de um ser racional em relação ao Conteúdo Proposicional, ou ainda a uma especificação de sua fonte. Nesse caso, trata-se de uma atitude que diz respeito ao comprometimento de um ser racional com relação ao conteúdo proposicional. Por indicar uma crença inquestionável de um participante, denominamos esse modificador “**Doxástico**”¹⁶. Esse

¹⁶ Segundo o dicionário Houaiss (2009), entende-se por *doxa* um sistema ou conjunto de juízos que uma sociedade elabora em um determinado momento histórico supondo tratar-se de uma verdade óbvia ou evidência natural, mas que, para a filosofia, não passa de uma crença ingênua a ser superada para a obtenção do verdadeiro conhecimento.

tipo de modificador pode restringir qualquer camada desse nível, desde núcleos não lexicais até lexicais, como atestam as ocorrências que serão discutidas em seguida.

No Nível Representacional, a construção como um todo pode ser formulada como um Conteúdo Proposicional, como mostra a ocorrência (12), aqui retomada:

(12) *Não acredito que possa haver muito brasileiro favorável ao auxílio-moradia, além dos próprios juízes.* Como sempre no Brasil, as pessoas atuam na base do espírito de corpo. Pergunto: por que tanta gente que foi governo e poderia ter mexido nisso há anos, mostra-se agora indignada? (TTBR:6:2-18)

O primeiro período da ocorrência (12), *Não acredito que possa haver muito brasileiro favorável ao auxílio-moradia*, é um Conteúdo Proposicional, a camada mais alta do Nível Representacional, já que corresponde a um construto mental, evidenciado pelo encaixamento do Conteúdo Proposicional *possa haver muito brasileiro favorável ao auxílio-moradia* ao predicado *acreditar*.

Outro aspecto que nos permite afirmar que a estrutura modificada corresponde a um Conteúdo Proposicional é a possibilidade de atribuir o conteúdo evocado a outra pessoa, que não o falante, como ilustra (12A):

(12A) *Maria não acredita que possa haver muito brasileiro favorável ao auxílio-moradia, além dos próprios juízes.* Como sempre no Brasil, as pessoas atuam na base do espírito de corpo. Pergunto: por que tanta gente que foi governo e poderia ter mexido nisso há anos, mostra-se agora indignada?

Conforme se verifica, a construção *além dos próprios juízes* instaura uma restrição em relação ao Conteúdo Proposicional *eu não acredito que possa haver muito brasileiro favorável ao auxílio-moradia*. Dessa maneira, pode-se dizer que, entre essas porções,

estabelece-se uma relação de restrição entre o núcleo *eu não acredito que possa haver muito brasileiro favorável ao auxílio-moradia* e o modificador *além dos próprios juízes*.

Esse modificador pode atuar também na camada do Estado-de-Coisas, como ilustra (17):

(17) Gleici e Wagner combinam juntos maior vibe entre eles *além de terem química*. (TTPT:9:2-18)

Como se sabe, Estados-de-Coisas podem ser qualificados em termos das propriedades de sua ocorrência e podem, portanto, ser restringidos por modificadores de Realidade, como ilustra (17A), com o modificador *de fato*:

(17A) Gleici e Wagner *de fato* combinam juntos maior vibe entre eles.

Em (17), nota-se que *além de terem química* indica uma certeza inquestionável a ser acrescentada ao Estado-de-Coisas *Gleici e Wagner combinam juntos maior vibe entre eles*. Isso fica claro ao se observar que o falante aponta – de modo pressuposto e, portanto, irrefutável – que a “química”, isto é, a afinidade entre o casal, não ocorre sozinha, mas paralelamente ao fato de combinarem juntos maior *vibe*.

A ocorrência (18) exemplifica um caso de restrição de um núcleo representado por uma Propriedade Configuracional:

(18) Santos saiu no lucro com a derrota por 2 a 1. Palmeiras, sem fazer força, controlou o jogo. Notícia boa foi a atuação de Guedes. Bambu, na fogueira, não comprometeu. Jair precisa repensar a titularidade de Caju, Ferraz, Renato, Vecchio e Copete, *além das chances para Rodrigão*. (TTBR:5:2-18)

Em (18), o modificador *além das chances para Rodrigo* restringe a Propriedade Configuracional *titularidade de Caju, Ferraz, Renato, Vecchio e Copete*. De fato, trata-se de uma Propriedade Configuracional, pois apresenta como núcleo o predicado *titularidade*, que toma como argumento os termos *Caju, Ferraz, Renato, Vecchio e Copete* e, ainda, pode ser restringida por modificadores que indicam Duração, como mostra (18A), em que consta o modificador *durante o campeonato paulista*:

(18A) Santos saiu no lucro com a derrota por 2 a 1. Palmeiras, sem fazer força, controlou o jogo. Notícia boa foi a atuação de Guedes. Bambu, na fogueira, não comprometeu. Jair precisa repensar *durante o campeonato paulista* a titularidade de Caju, Ferraz, Renato, Vecchio e Copete, além das chances para Rodrigo.

Verifica-se ainda, nos dados levantados, que as construções *além de* representacionais podem modificar também camadas mais baixas do Nível Representacional, como se observa na ocorrência (19), em que a Propriedade Lexical *alimentos* é modificada pela construção *para além de* pão:

(19) Há mais alimentos *para além de* pão (TTPT:14:2-18)

No exemplo acima, a Propriedade Lexical *alimentos* apresenta categoria semântica Indivíduo, o que se comprova pela possibilidade de ter seu sentido restringido por modificadores como o adjetivo *saudáveis*, como se observa em (19A):

(19A) Há mais alimentos *saudáveis* para além de pão

Outro exemplo de restrição de núcleos não lexicais é a ocorrência (20), que atesta a possibilidade de se restringir um item pertencente à categoria Lugar. Neste caso, a expressão *além de Lisboa* restringe o núcleo lexical *locais*, especificando-o:

(20) "É aqui que se debate"

BdC

É verdade, caro BdC, mas tratem de levar a AG para outros locais *além de Lisboa*! (TTPT:7:2-18)

O mesmo se verifica em (21), em que a Propriedade Lexical *sites*, que também indica um Lugar, é restringida pelo modificador *além do Youtube*:

(21) Tô achando muito bacana a nova ação do MKT do Cruzeiro de disponibilizar vídeos dos jogos em outros sites, *além do YouTube*. Acabei de achar o gol do Arrascaeta no Youporn e Xvideos. (TTBR:2:2-18)

A construção (19), repetida aqui por conveniência, assim como a (22), apresentada a seguir, mostram que as construções *além de* representacionais, assim como as interpessoais, também podem ser introduzidas pela preposição *para*:

(19) Há mais alimentos *para além de* pão (TTPT:14:2-18)

(22) Qual a utilidade prática de um casaco sem bolsos (*para além de* proteger do frio)? (TTPT:15:2-18)

Da mesma maneira, a preposição *para* é introduzida no Nível Representacional, com a finalidade de reforçar o valor alativo trazido pelo advérbio *além*, que compõe a Propriedade

Configuracional. Entretanto, nesses casos, não há ruptura do Princípio da Integridade de Domínio, uma vez que o modificador se localiza logo após o seu núcleo e não se interpõe entre os constituintes da oração, diferentemente dos casos interpessoais já tratados.

Na condição de modificadores, as estruturas introduzidas por *(para) além de* que desempenham a Função Semântica Doxástico são, morfossintaticamente, constituintes da oração que funciona como seu núcleo, estabelecendo, portanto, uma relação núcleo-modificador, como se nota a seguir, na ocorrência (19), aqui repetida, e em (23):

(19) Há mais alimentos *para além de* pão (TTPT:14:2-18)

(23) 4 meses pro ano acabar e eu não fiz nada *além de* ser trouxa! (TTBR:15:8:17)

Dessa maneira, em (19), o sintagma adverbial *para além de* pão integra a oração núcleo *há mais alimentos* como seu modificador.

Em (23), no entanto, a oração *além de* ser trouxa é encaixada na posição de modificador, sendo, assim, um constituinte da oração *eu não fiz nada*. O encaixamento de uma oração na posição de um constituinte da oração núcleo denomina-se Subordinação. Como se vê, o processo de subordinação ocorre nos limites da Oração e não nos da Expressão Linguística, como a Cossubordinação e a Extraoracionalidade, que caracterizam as construções interacionais.

Dessa forma, estruturas como (19) e (23) constituem um único Ato Discursivo no Nível Interpessoal, um Conteúdo Proposicional com seu modificador no Nível Representacional, e, no Nível Morfossintático, uma Expressão Linguística composta de uma única oração, em que um de seus constituintes pode ser outra oração.

A propriedade de ser um modificador de conteúdo proposicional é refletida no Nível Morfossintático pela posição que as estruturas *além de* ocupam na linearidade da Expressão

Linguística. Conforme Pezatti (2014), o modificador da camada do Conteúdo Propositional pode ocorrer tanto em posição inicial quanto em final, a depender da Função Semântica que veiculam. Como ilustram (18) e (20), o modificador introduzido por *além de* prefere a posição final. Essa preferência encontra suporte também no princípio de complexidade crescente (Dik, 1997), segundo o qual constituintes complexos posicionam em fim de oração.

Quadro 9 – Posição do modificador *além de* na oração

(18)	P^{pré}	P^{centro}				P^{pós}
		Oração				
		P^I	P^M	P^{M+2}	P^F	
		Jair	precisa repensar	a titularidade de Caju, Ferraz, Renato, Vecchio e Copete	além das chances para Rodrigão	

(20)	P^{pré}	P^{centro}			
	Operador Conc	Oração			
	mas	P^M	P^{M+1}	P^{M+2}	P^F
		tratam de levar	a AG	para outros locais	além de Lisboa

Fonte: Elaboração própria (2018).

Há casos em que o modificador ocupa a posição final do sintagma e não a da oração, como em (11), repetida aqui por conveniência:

(11) -> eh, pois. primeiro são importados, eh, e depois fazemos feiras a nível, no Porto e em Lisboa, apresentamos os produtos aos nossos clientes. clientes - só lojas.

- ah!...

- > que revendemos... para as lojas.
- para as lojas. portanto não é uma coisa de, de venda directa ao público?
- > não, e depois eu tenho as minhas lojas onde vendo directamente ao público.
- sim, já estou a perceber. portanto isso acaba por ocupar o, de facto o...
- > ocupa.
- uma parte do ano.
- > precisava de mais... umas horinhas *além das vinte e quatro horas*.
- e portan[...]
- > por vezes. (PT95:SaberVender)

Como se pode observar, a construção *além de* modifica o núcleo de um sintagma que representa um subato referencial no Nível Interpessoal. Esse subato, *umas horinhas além das vinte e quatro horas*, é, na verdade, um Ato Discursivo subsidiário, com Função Retórica Esclarecimento. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 56), esse tipo de Função Retórica resulta do automonitoramento do discurso pelo falante e aparece para corrigir ou esclarecer um Subato de Referência ou de Atribuição, considerado pelo falante como não comunicativamente adequado. Assim em (11), para o falante, a não expressão do Subato de Referência *horas*, no ato discursivo nuclear *precisava de mais...*, pode dificultar a interpretação do destinatário, não permitindo o alcance de seu objetivo comunicativo. Por isso enuncia o ato subsidiário para dar ao destinatário a informação faltante em sua representação cognitiva. Ainda segundo os autores, esses atos podem ser introduzidos por marcadores como “quer dizer”, como se nota na paráfrase de (11) em (11A):

(11A) Precisava de mais...*quer dizer*, umas horinhas além das vinte e quatro horas.

Em termos morfosssintáticos, o que nos interessa é a linearização do sintagma *umas horinhas além das vinte e quatro horas*. Como mostra a representação a seguir, o modificador do núcleo do sintagma *além das vinte e quatro horas* ocupa a posição final do sintagma.

Quadro 10 – Posição do modificador *além de* no sintagma

(11)	P^{centro}	P^{pós}		
	Oração	Sintagma		
		P^I	P^M	P^F
	precisava de mais...	umas	horinhas	além das vinte e quatro horas

Fonte: Elaboração própria (2018).

No Nível Fonológico, dado que a construção (11) constitui um único Ato Discursivo, há apenas uma Frase Entonacional, formada por duas Frases Fonológicas: *umas horinhas* e *além das vinte e quatro horas*.

No entanto, os casos antecédidos da preposição *para*, tal como acontece com as interacionais, tendem a violar o Princípio de Integridade de Domínio, caracterizando uma descontinuidade morfosintática. É o que se verifica em (24) e (25).

(24) – e voltando um bocadinho no tempo e no espaço, eh, *como é que começam a aparecer então, para além da, daqueles casos isolados que já disse, os primeiros doutores*, ou aqueles que aparecendo, talvez fossem os assimilados daquela altura, com um nível mais ou menos equiparado ao doutoramento? há casos isolados, como é que se explica estas, bom, estes que aparecem?
(Ang97:EnsinoAngola)

Em (24), a adjacência entre o predicado (*começam a aparecer*) e seu argumento (os *primeiros doutores*) é interrompida pelo sintagma *para além daqueles casos isolados que já*

disse. Nesse caso, a atribuição da função pragmática Foco ao subato referencial, no Nível Interpessoal, leva o constituinte para a última posição da oração, posição própria para constituintes focais em português (PEZATTI, 2014). Por se tratar de uma construção tética, em que todos os subatos são focais, todos ocupam a posição **P^F** e suas relativas.

Quadro 11 – Ordenação de *(para) além de* em construção tética

(24)	P^{centro}			
	Oração			
	P^I	P^{F-2}	P^{F-1}	P^F
	como é que	começam a aparecer	para além da, daqueles casos isolados que já disse	os primeiros doutores

Fonte: Elaboração própria (2018).

(25) – acha que o homem facilmente pode entrar nas tarefas que eram, normalmente, d[...], especialidade da mulher?

– > tem que se ir habituando aos poucos. porque há homens que quando querem fazem as mesmas coisas que uma mulher, em casa. quando eles não querem é que já é pior. mas acho que sim. acho que aos poucos conseguem. e mesmo, não digo, por exemplo, uma mulher pode cozinhar, não é, *mas há outras coisas para além de cozinhar que se podem fazer em casa*. e acho que é principalmente isso. (PT96:MaridoIdeal)

Na construção existencial em (25), por outro lado, a estrutura *para além de* não rompe o domínio da Oração, mas sim o do **Sintagma** *outras coisas que se podem fazer em casa*, já que se interpõe entre o núcleo do sintagma, *outras coisas*, e seu modificador, a oração adjetiva *que se podem fazer em casa*, o que, em termos de ordenação, pode ser representado no quadro que segue. Nesse caso, a atribuição da função pragmática Foco ao modificador relativo o leva para a posição final da Oração.

Quadro 12 – Ordenação de *(para) além de* em construção existencial

(25)	P_{pré}	P_{centro}			
	π_{Conc}	Oração			
		P^{M-1}	P^M	P^F	P^F
	mas	há	outras coisas	para além de cozinhar	que se pode fazer em casa

Fonte: Elaboração própria (2018).

Fonologicamente, por constituir um único Ato Discursivo, no Nível Interpessoal, um Conteúdo Proposicional, no Nível Representacional e uma Oração, no Nível Morfossintático, a construção com *(para) além de* representacional constitui, no Nível Fonológico, um Enunciado (U), já que corresponde à camada mais alta, composto de uma Frase Entonacional (IP), que, por sua vez, é constituída por Frases Fonológicas (PP), conforme se representa em (23), que apresenta três Frases Fonológicas, e (19), que apresenta duas.

Quadro 13 – Representação fonológico do modificador *(para) além de*

	U		
	IP		
	PP	PP	PP
	(23) eu	não fiz nada	além de ser trouxa
	(19)	há mais alimentos	para além de pão

Fonte: Elaboração própria (2018).

Encerramos, assim, este capítulo com a caracterização das estruturas *além de*, interpessoal e representacional, respectivamente com Função Retórica Suporte e Função Semântica Doxástico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação tem por objetivo geral investigar, sob a ótica da Gramática Discursivo-Funcional, as construções introduzidas por *além de* na língua portuguesa, determinando as propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas dessa construção, partindo de três hipóteses. A primeira é a de que as construções *além de* podem desempenhar duas funções distintas, uma de natureza interpessoal, que se estabelece na interação entre falante e ouvinte, e outra de natureza representacional, relacionada à representação do universo extralinguístico. A segunda, estritamente relacionada à primeira, é a de que tal distinção, que se estabelece no nível da formulação, apresenta reflexos morfossintáticos principalmente na linearização dos constituintes da Expressão Linguística. A terceira hipótese é a de que as unidades morfossintáticas que compõem a estrutura *além de* relacionam-se por meio de um processo de cossubordinação, quando interacionais, e de subordinação, quando representacionais.

Como demonstrado, a primeira hipótese foi confirmada, uma vez que foram reveladas duas funções exercidas pelas construções aqui enfocadas: uma própria do Nível Interpessoal, já que serve a uma estratégia do falante para ressaltar a informação nova veiculada no Ato Nuclear valendo-se de uma informação dada trazida no Ato Subsidiário, a que denominamos Função Retórica Suporte; a outra, que diz respeito aos modos como a língua se relaciona com os possíveis mundos que ela descreve, é própria do Nível Representacional, uma vez que restringe um núcleo ao acrescentar-lhe uma informação considerada inquestionável, a que denominamos modificador doxástico.

Essas propriedades da operação de formulação são mapeadas no Nível Morfossintático, já que as estruturas que desempenham a Função Retórica Suporte posicionam-se antes do núcleo, ocupando a posição P^{pré} da Expressão Linguística, enquanto

as com Função Semântica Doxástico situam-se depois dele, assumindo a posição P^F da Oração, o que confirma a segunda hipótese.

A terceira hipótese pressupunha que o processo morfossintático estabelecido entre as partes da estrutura (*para*) *além de* seria de Cossubordinação, quando desempenhassem Função Retórica, e de Subordinação, quando desempenhassem Função Semântica. Os dados revelam, no entanto, que essa hipótese se confirma com relação aos casos em que o constituinte introduzido por (*para*) *além de* é composto de uma Oração: há Cossubordinação na Expressão Linguística e Subordinação na Oração. Os casos de estruturas (*para*) *além de* não oracionais do Nível Interpessoal, entretanto, estabelecem uma relação de Extraoracionalidade na Expressão Linguística, dado que a dependência é unilateral; e, quando do Nível Representacional, é tão somente um dos constituintes da Oração, a que a tradição gramatical denomina de adjunto adverbial.

Além disso, este estudo contribui para a argumentação iniciada por Oliveira (2012a) que, como apontado, trata dessas mesmas construções a partir do mesmo aparato teórico. No referido trabalho, a autora defende a existência de uma oração subordinada adverbial aditiva, à semelhança do que propõe Hengeveld (1998) e Pérez Quintero (2002), ao tratar das relações adverbiais. Assim, essas orações adverbiais de adição estabeleceriam uma relação de dependência morfossintática com a oração núcleo, caracterizando o processo de subordinação.

Oliveira (2012a) defende que a expressão *além de* evidencia uma hierarquia entre os eventos descritos pelo ouvinte e, a partir dela, apresenta outro, mais relevante, de maior destaque, argumentando que, por essa razão, esse tipo de relação aditiva extrapola uma “adição neutra”, como a que se estabelece pelo conectivo *e*, o que se ratificaria a partir da possibilidade de se adicionar o advérbio *ainda*. Entretanto, apesar de reconhecer que, de fato, a oração introduzida por *além de* extrapola uma simples adição, a autora não considera que exista, entre oração adverbial e oração principal qualquer Função Retórica. Na verdade, nos

termos da própria argumentação da autora, isso seria inviável já que, diferentemente do que aqui se propõe, ela considera que a construção comporta um único Ato Discursivo. Isso, obviamente, também impede de considerar, por questões de coerência, a existência de uma Função Retórica, já que a GDF prevê que cabe ao Ato Subsidiário, que está atrelado a outro, Nuclear, desempenhá-la.

Outro ponto que instaura distanciamento em relação ao proposto por Oliveira (2012a) é a defesa de que o conjunto composto das orações principal e subordinada adverbial de adição é codificado como um único Conteúdo Proposicional, formado por apenas um Episódio, Nível Representacional.

Vale ainda dizer que a autora (Oliveira, 2012a) apropria-se, para defender que existe um processo de Subordinação entre as orações que compõem a Expressão Linguística, de questões como a correferência entre os sujeitos matricial e subordinado e da não finitude do verbo da oração subordinada, que se apoiariam no tempo e modo da principal. Outra questão ainda em relação a no que este estudo avança é o fato de não se limitar à análise de estruturas oracionais, dado que entende que a relação morfossintática entre os constituintes da estrutura linguística pode ser de outra natureza, envolvendo outros processos, a depender de fatores de ordem pragmática ou semântica.

Por último, retoma-se o ponto de que mais se distancia a proposta que ora se apresenta daquela defendida por Oliveira (2012a), que diz respeito à ordenação de constituintes, aspecto fundamental dessa tese. Assim, apesar de a autora apontar questões relativas à ordenação dos constituintes no interior da Expressão Linguística, não entende a posição assumida pelas estruturas com *além de* em relação ao seu núcleo como reflexo de fatores de ordem interpessoal ou representacional. Dessa forma, é notável que, ao se analisar a forma de condução argumentativa deste trabalho, especialmente a organização da análise dos resultados, que a questão da ordenação compõe o cerne desta tese. Isso se evidencia pois,

aqui, entende-se a ordem como reflexo de duas funções distintas – uma pragmática e outra semântica –, confirmando as hipóteses de trabalho e, principalmente, corroborando a proposta epistemológica do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, dado que diferenças na Formulação refletem-se na Codificação das unidades linguísticas.

Sumarizando os objetivos alcançados, podemos afirmar que essas construções estabelecem duas relações distintas, uma de cunho pragmático e outra de cunho semântico. A primeira corresponde a uma estratégia argumentativa proposital do falante para atingir seu objetivo comunicativo; essa estratégia instaura-se a partir do estatuto comunicativo distinto dos Atos Discursivos envolvidos na construção, que revela a dependência entre os Atos envolvidos (Subsidiário e Nuclear). Essas propriedades são mapeadas no Nível Morfossintático pela posição pré-oracional e no Nível Fonológico pela estrutura de uma Frase Entonacional. A segunda, por seu turno, estabelecida no Nível Representacional, revela uma relação de núcleo-modificador, em que a estrutura introduzida por *(para) além de* é o modificador que restringe esse núcleo. Essas propriedades são refletidas no Nível Morfossintático pela posição pós-nuclear e pela estrutura de Frase Fonológica no Nível Fonológico. O quadro abaixo ilustra a atuação dessa construção no português:

Quadro 14 – Atuação das construções *(para) além de* no português, segundo a Gramática

Discursivo-Funcional

	NI			NR			NM			NF	
	Cam.	Fun.	Uni.	Cam	Uni.	Cat.	Cam.	Uni.	Pos.	Cam.	Uni.
Suporte	M	Ret.	Ato	p	p	qq	Le	Cl/Xp	P ^{pré}	U	IP
Doxástico	A	-----	C	p	σ	qq	Cl	Cl/Xp	P ^F	IP	IP/PP

Fonte: Elaboração própria (2008).

Cam. = camada da construção como um todo

Fun. = função

Uni. = só a estrutura *além de*

Cat. = categoria semântica~

σ = modificador
qq.= qualquer
Pos. = posição
Cl = oração
Xp = qualquer tipo de sintagma
U = enunciado
IP = frase entonacional
PP = frase fonológica

Assim, além de estabelecer as propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas das construções *(para) além de*, evidenciando seus diferentes propósitos comunicativos, bem como os reflexos estruturais desses diferentes usos, este estudo contribui também para o modelo da Gramática Discursivo-Funcional, na medida em que revela a necessidade de se considerar mais uma Função Retórica no Nível Interpessoal e mais um modificador de Conteúdo Proposicional no Nível Representacional.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CAMACHO, R. G. Estruturas coordenadas aditivas. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do Português Falado** – v. VII: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/FAPESP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 351-405.
- CRISTOFARO, S. **Subordination**. Oxford: University Press, 2003.
- CUNHA, C. F; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Pt I: The structure of the clause. New York: Mouton de Gruyter, 1997a.
- _____. **The theory of functional grammar**. Pt II: Complex and derived constructions. New York: Mouton de Gruyter, 1997b.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- GARCÍA VELASCO, D. **La discontinuidad sintáctica en la Gramática Discursivo-Funcional**. Sesión 1. IV Simpósio Internacional de Linguística Funcional. Natal. 31 de maio a 2 de junho de 2017. 42 slides. Apresentação em Power-point.
- GARCÍA VELASCO, D. **La discontinuidad sintáctica en la Gramática Discursivo-Funcional**. Sesión 2. IV Simpósio Internacional de Linguística Funcional. Natal. 31 de maio a 2 de junho de 2017. 34 slides. Apresentação em Power-point.
- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: Johns Benjamins, 1990. v. II.
- _____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam and Philadelphia, PA: Benjamins, 1995.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.
- HENGVELD, K. Adverbial clauses in the languages of Europe. In: VAN DER AUWERA, J. **Adverbial construction in the languages of Europe**. New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.
- _____. Epilogue. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Ed.). **A new architecture for functional grammar**. New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 363-378.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**: A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Functional Discourse Grammar. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Ed.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 367-400. Disponível em: <<http://www.home.hum.uva.nl>>. Acesso em: 10 de maio de 2012.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil** – v. I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

KEWITZ, V. Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no Português Brasileiro (séculos XIX e XX). 2007. 210 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

KURY, A. da G. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1987.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J. THOMPSON, S. A. (Ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 181-225.

LENKER, U. **Argument and Rhetoric Adverbial Connectors in the History of English**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010

MACAMBIRA, J. R. **A Estrutura Morfo-Sintática do Português**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1970.

MATHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, J. THOMPSON, S. A. (Ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

MÓDOLO, M. A estrutura aditiva ‘não só... mas também’ de uma perspectiva multissistêmica. **Estudos Linguísticos XXXIV**, 2005. p. 171-176.

OLIVEIRA, T. P. A Hipotaxe de Adição. **Revista do GEL**. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 25-45, 2012a.

OLIVEIRA, T. P. A Oração Subordinada de Adição. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 41, n. 1, p. 90-100, 2012b.

PENHAVAL, E. **Multifuncionalidade e níveis de análise: o papel do conectivo e na organização do discurso**. 2005. 132 p. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2005.

PÉREZ QUINTERO, M. J. **La subordinación adverbial en inglés: un enfoque funcional**. La Laguna, 1998. 445 f. Tese (Doutorado em Filologia Inglesa) – Facultad de Filologia – Univesidade de La Laguna.

_____. **Adverbial subordination in English:** a functional approach. Amsterdam: Rodopi, 2002.

PEZATTI, E. G. **A Ordem de Palavras no Português.** São Paulo: Parábola, 2014. 144 p.

ROCHA LIMA, L H. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.